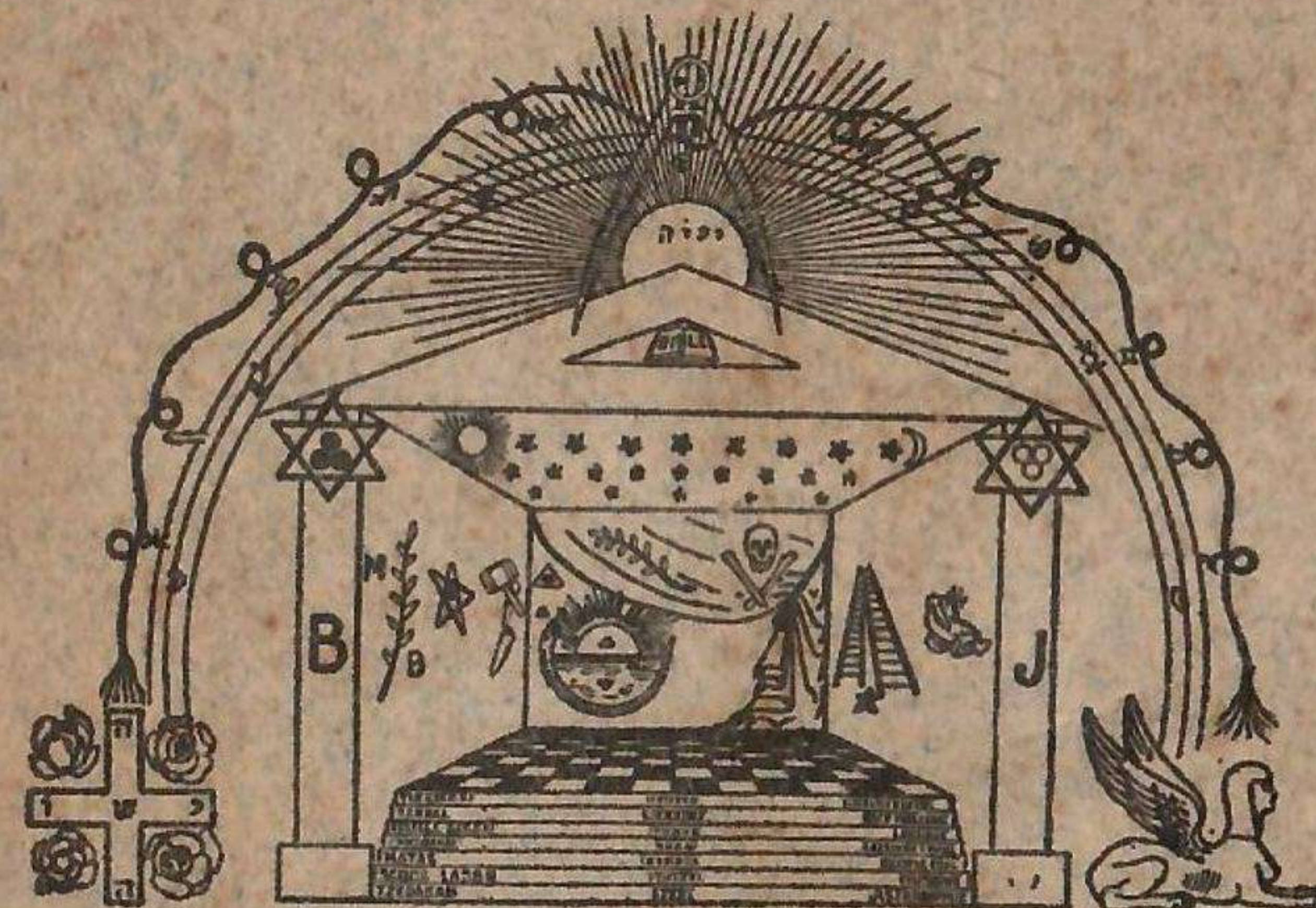
COLECÇÃO «PSICOLOGIA EXPERIMENTAL» — XII

JOÃO ANTUNES

A Maçonaria Iniciatica

Prefacio de Alphun Saïr

Com uma carta do Dr. JOSEPH FERRUA ∴

Protessor de Patologia Geral,
Director do Instituto de Fisiologia Psicologica experimental de Londres.
Gr∴ M∴ da O∴ Ref∴ dos R∴ ✝ C∴, de Inglaterra

LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
LISBOA — 1918

A Maçonaria Iniciatica

TYPOGRAPHIA SANTOS
62, Rua das Flores, 64
PORTO

SEGUNDA SÉRIE

Colecção PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

I — A Astrologia.

Os horoscopos. A astromancia kabalistica. A Astrologia scientifica, judiciaria e esférica. O futuro condicionado e os calculos divinatorios. A indução electro-magnetica dos astros, etc. . . . . 6$00

II — A Maçonaria Iniciatica.

Estudo documental sobre as origens da Maçonaria e das sociedades secretas. Simbolos, graus. A morte de Hiram e o mito solar. Ragon. O templo de Salomão, etc. A questão Bacon-Kabalistica.

NO PRELO

III — Razões da minha crença teosofica, a Visão dos Sabios da India e Sintese de Teosofia.

As grandes afirmações esotericas de Mrs. A. Besant e de I. Chatterji. O dinamismo humano nas tradições budistas, etc.

IV — A Filosofia de Lao-Tseu.

O problema da Existencia e do Universo nos povos de raça amarela. Kong-Tseu e Lao-Tseu. O conde de Pouvourville e a introdução da filosofia taoista na Europa.

V — Apollonius de Thyana.

Estudo critico sobre todos os documentos, que existem sobre a vida do Filosofo do seculo 1.º. As associações religiosas e as comunidades da primitividade cristã. O pensamento indu e o pensamento grego.

VI — As grandes hipoteses pre-scientificas.

Os criterios scientificos contemporaneos. A hipotese alquimica. As ideias espagiricas. O psiquismo contemporaneo. O fim do ocultismo, etc.

VII — O Budismo segundo o Canon da Igreja do Sul.

A mais notavel obra do coronel Henry S. Olcott. Versão da 37.ª edição. Estudo de teologia budista; os mais seguros pontos de vista sobre Sakya-Muni, o budismo e o bramanismo.

VIII — Os Mestres do Ocultismo contemporaneo.

Biobibliografias de Elifas Levi, Estanislau de Guaita, Dr. Gerard Encausse, conde de Pouvourville. St. Yves-Alveydre. Boullan. C. Lancellin. Huyssmans. O ocultismo. A demonomania. O satanismo, etc.

IX — Isis.

Paginas fundamentais de M. Blavatsky. Estudos sinteticos de cosmogenese, antropogenese e de psicologia. Notas de critica filosofica.

X — Estudos iniciaticos.

Resenha contemporanea das mais notaveis produções da literatura hermetica.

Foi a «Psicologia Experimental» abordada em generalizações vastas na Primeira Serie da presente Colecção. A segunda serie abraçará trabalhos de especialização, todos eles rigorosamente seleccionados e completos. Preside a esta publicação, nova e unica em Portugal, um escrupuloso e elevado criterio. Nesta segunda serie entrarão obras, todas elas fundamentais, de M. Blavatsky, de Mrs. Besant, de H. S. Olcott, de J. Ferrua, de Sinesius e de outros valiosos nomes das sciencias hermeticas.

Colecção

PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

Com o presente volume, o XII *das suas obras publicadas e* II *da 2.ª serie, continúa a Colecção* Psicologia Experimental *as suas publicações vulgarizadoras das sciencias denominadas hermeticas em estudos sucintos e completos de filosofia e de historia.*

E assim, aparentemente de vagar, sem ansias de produção fecunda a nossa «Colecção» tem correspondido serenamente e completamente ao seu programa inicial. Agrada-nos por isso repetir o que ficou dito num dos anteriores volumes.

«Ao inicia-la, os problemas da Psicologia Experimental, *eram pouco menos que desconhecidos em Portugal, excepção feita a raros e eruditos estudiosos. No estranjeiro, porem, publicações volumosas se teem feito. Havia pois uma lacuna a preëncher. Não era justo que um movimento, que em toda a Europa tinha, por mentores, sabios da envergadura intelectual de W. Crookes, O. Lodge e Plytoff, Mrs. Blavatsky e Besant, R. Steiner, C. Flammarion, Rochas, e o proprio H. Bergson, C. Lombroso e Morselli e Aksakoff e uma pleiada de ilustres sabios não fosse, ao menos, vulgarizado entre nós. Isto fizemos nesta Colecção e em multiplas publicações teosoficas sem dar guarida a assuntos destituidos de interesse, de erudição ou de sciencia.*

A ementa das obras a publicar nesta serie fará ressaltar o seu interesse vasto e sempre crescente.

O EDITOR.

COLECÇÃO «PSICOLOGIA EXPERIMENTAL» — XII

JOÃO ANTUNES

A Maçonaria Iniciatica

Prefacio de Alphun Saïr

A Franco-Maçonaria e as origens. As questões Bacon-Kabalista. Os Simbolos. Hiram e o Misticismo. Ragon. O Templo de Salomão. A Historia da Maçonaria, etc.

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1918

Aos Franco-Maçons

Portuguêses

e

Brasileiros

Um profano.

CARTA

do Doutor JOSEPH FERRUA

Professor de patologia geral,
Director do Instituto de fisiologia psicologica experimental de Londres,
Grão Mestre da Ordem
Reformada dos Rosa+Cruzes, de Inglaterra.

«Le Verbe sacré de l'Initié c'est la conscience de sa force morale puisée aux sources lumineuses du savoir; c'est la Vision des choses, qui demeurent invisibles à ceux qui vivent dans les ténèbres de la superstition et de l'erreur.»

As obras, que o nosso douto e distinto confrade, João Antunes, tem apresentado a todos os espiritos de elite, pensadores livres, sinceramente atraídos pelo estudo dos problemas transcendentais da Filosofia Iniciatica, recomendam-se pelo seu alto valor moral e pelo fim que o Autor tem em vista de espalhar a luz das Verdades abstractas. Ora o simbolismo maçonico é a sua tradução sensivel.

Se a Franco-Maçonaria, derivada das corporações outr'ora numerosas da Arte de Construir, nem

sempre existio, remonta, pelo menos em potencia, aos tempos os mais reconditos da Historia, direi mesmo, da Lenda.

Quarenta mil anos antes da nossa Era, os Colegios Iniciaticos da Atlandida e da Lemuria testemunhavam esplendores de uma primitiva civilização desaparecida e de um culto sagrado desta verdade secreta surgida dos templos e dos santuarios, que não era uma religião mas uma sciencia, cujos traços essenciais podemos decifrar nos livros hieroglificos e simbolicos da Kabbala, *por outras palavras, da Tradição oculta caldeo-egipcia, sciencia dos Misterios e dos Numeros, onde os adeptos hauriam conhecimentos, que lhes conferiam uma verdadeira superioridade entre os homens do seu tempo.*

Para não citar senão um exemplo, a Cruz é analoga à Acacia, à letra hebraica Vau, *que quere dizer:* Laço. *Ora esta palavra contem o simbolo figurado do traço de união entre o visivel e o invisivel, o que cae sob os nossos sentidos e aquilo*

cuja revelação permanece reservada aos Mestres da doutrina oculta, aos iniciados, que possuem a chave dos segredos hermeticos, isto é, das grandes leis da Natureza e das criações, que dela derivam na ordem da materia e na do pensamento.

Roselly de Lorgues dispendeo enorme soma de trabalho para demonstrar a existencia da Cruz, antes do Cristianismo. E encontrou-a quase por toda a parte; é um facto indiscutivel em arqueologia. Mas as conclusões, que ele tirou das suas laboriosas pesquisas, sob o ponto de vista religioso, não correspondem ao que o exame das tradições iniciaticas dos arianos, dos acadicos, dos egipcios e, numa palavra, da Kabala, se deduz. Iludio-se quanto á significação real deste simbolo de antiguidade recondita.

Nas inscrições cuneiformes dos mestres iniciados da Caldeia encontra-se este laço simbolico representado por letras cruzadas. De ai se derivaram, através da Kabala, as primeiras noções mal

compreëndidas a começo, e desfiguradas, da Rosa † Cruz, de onde reclamam sua origem a Franco-Maçonaria e todos os ritos ocultos, que a precederam.

A sciencia dos Numeros é igualmente, para os maçons iniciados, a sciencia do Absoluto. Inscrevendo uma cruz num quadrado podem extrair-se, pela combinação de elementos rectilineos, todos os algarismos chamados arabes.

O Numero 7 desempenha no simbolismo dos Rosa † Cruz um papel tão consideravel como o numero 3, se bem-que este, segundo a tradição ariana e caldaica, seja mais antigo. Liga-se aos misterios do culto da «Rainha do Ceu» honorificada entre os sacerdotes astronomos de Assur e da Babilonia (Bab-Ilu: *a porta do Ceu), e os iniciados aos cultos de Osiris, de Adonis, de Atis e de Mitra. Existe tambem na base da lenda de Hiram, cuja significação oculta os iniciados do 1.° e 2.° graus da Franco-Maçonaria devem conhecer.*

Não esqueçâmos que os irmãos-maçons, os adeptos da Alquimia, os Hermetistas e os Gnosticos em geral, teem o dever de se considerarem membros de uma só familia de pensadores e obreiros, que servem a causa do progresso, da justiça e da liberdade e se esforçam por liberar a inteligencia humana da pesada herança de erros e de superstições, que os seculos lhe outorgaram pela lei do atavismo e pelo ensinamento das igrejas, e das escolas vinculadas à tradição fideista e dogmatica.

Os Credos, *que se reclamam da fé cega estão em via de desaparecer. A exegese biblica sapou as bases das religiões, oriundas do semitismo primitivo e da Teocracia sucessiva do sumo sacerdote de Israel, Esra, após a volta do cativeiro. Se a doutrina gnostica se pôde perpetuar até hoje, é que ela guarda fielmente a tradição esoterica da Kabala, sob um veu, bem tenue, de resto, mais de fórma que de substancia, porque os gnosticos são, no fundo, franc-maçons, homens, que tomaram a peito*

a missão de ensinar aos fracos e poderosos que são todos irmãos.

A antiga iniciação, para melhor se furtar à inteligencia dos profanos, copiára do Mitraismo e da filosofia neo-platonica de Alexandria um corpo de fantasias metafisicas, onde a concepção do principio, que rege a unidade fundamental das religiões surgia para os que sabiam *do conjunto de alegorias, cuja interpretação literal teria sido sempre obscura, mesmo absurda. É o que ressalta da leitura do Quarto Evangelho ou Evangelho de São João, redigido provavelmente por um pequeno grupo de sabios helenistas cristãos, versados no ensino das escolas neo-platonicas, entre 100-125, d. C.*

Nele se descobre, sem dificuldade, o reflexo dos mestres iniciados da Caldeia, que da contemplação dos ceus e do conhecimento das grandes leis gerais duma metafisica, ou melhor, de uma moral ligando todos os homens, sem distinção de raça, porque se os fenomenos fisicos se manifestam identicos por toda a parte e supoem, o mesmo principio de causalidade, o mesmo deveria ser do factor hiperfisico ou invisivel donde promanam as leis morais — o que se convencionou chamar o codigo da religião universal ou, antes, da razão.

O livro de João Antunes vem a seu tempo. Coloca-o entre os escritores da vanguarda na renovação intima da Franco-Maçonaria, que se vai esboçando neste momento em circulos de inquiridores de boa-fé da Verdade. Esta obra de uma beleza simples e forte merece-lhe grande honra. Por isso lhe dirigimos calorosas felicitações e votos sinceros de sucesso. Palmam ferat qui meruit.

DR. J. FERRUA∴

Londres, Setembro de 1918.

« Un Maçon doit s'évertuer à étudier ce que l'on appelle la Science Occulte, science qui — comme le constatait fort bien autrefois le F.·. Ragon — révèle à l'homme les mystères de sa nature, les secrets de son organisation, le moyen d'attendre à son perfectionnement et au bonheur, enfin l'arrêt de sa destinée. Cette etude fut celle des hautes initiations égyptiennes; et si, du temps du F.·. Ragon, elle fut reconnue nécessaire, croyez bien que rien n'est changé aujourd'hui et qu'elle n'est pas moins indispensable qu'autrefois . . .

. . . Il y a, en Maçonnerie comme en Religion un exoterisme *et un* esoterisme *à l'etude desquels chacun de nous doit s'appliquer, s'il veut arriver à la decouverte de la vérité éparpillée dans la diversité des cultes, des écoles, des classes, des degrés, et que devient* Une *pour celui qui, après avoir* passé les dehors *est devenu capable d'embrasser d'un coup d'œil tout ce qui se rettache au governement du monde. »*

F.·. TEDER. Congrès Maçonique 1908 — Paris.

PREFACIO

Antes de lhe escorçar a história — a essa Maçonaria, tão famosa e tão mal conhecida — desejo defini-la, embora de relance.

Invado decerto os domínios do ilustre autor dêste livro. Repetirei fatalmente muito do que êle, em luminosas páginas, dirá melhor do que eu. Mas ser-me hia impossível a sua metódica investigação histórica se a não encarasse um tanto profundamente no seu organismo, e se eu poderia esconder dos leitores esta visão, afigura-se-me que o publicá-la medíocremente, prejudicará o fim principal que tenho em vista.

*

Que é a Maçonaria? Geralmente a chamam uma *associação secreta*.

A rigor, hoje não no é. Com exterioridades de *secreta*, mantem apenas o espírito de selecção. Os governos de quási todo o globo conhecem perfeitamente o seu organismo e tem junto dela numerosos e activos representantes. Além disso, a iniciação maçónica é tão facil, que os seus maiores inimigos, dispondo de alguma astúcia, a recebem, examinando assim de perto as manifestações mais recônditas da sua acção.

A Maçonaria está em muitos paises *fora das leis* apenas aparentemente, e no sentido de não ser pública a aprovação dela pelos dirigentes dos povos. A rigor, o seu organismo apoia-se na orientação política do seu meio e, se a modifica, é com o pleno consentimento dos políticos predominantes, ou, pelo menos, dos que teem as melhores probabilidades de o vir a ser.

Entretanto o seu espírito basilar — e não discuto com que limpidez — é a Fraternidade Universal.

Mas, por outro lado, posso e até devo chamar-lhe um *sistema de Filosofia prática*. Porquê? Por ostentar como lema o fomento da civilização, o exercício da beneficência, a morigeração, a cultura da honra, etc.

E, assim, intervindo em toda a actividade humana, nem é religião positiva, nem escola filosófica, nem partido político, embora incidentalmente, e conforme o que ela julga *necessidades do meio*, favoreça certas confissões religiosas, certos sistemas filosóficos e certos ideais políticos.

Nada surpreënde, porêm, êsse espírito de adaptação a quem lhe conhecer a indiferença fundamental por qualquer exclusivismo.

É uma indiferença nativamente teosófica, alheando-se de tudo que não seja a Fraternidade Universal.

Nesta conformidade, embora pareça empolgada ás vezes por intolerantes sectarismos, a moderna Maçonaria proclama a harmonia dos mundos, criada e mantida pelo Supremo Arquitecto do Universo, causa eterna, lei primordial e suprema razão de tudo. Reconhece no homem a dupla natureza física e moral, mas sem separar uma da outra, e sem se preocupar com a vida do Além. Emfim, poudo de parte tudo o mais, pretende educar, instruir, morali-

zar, e também auxiliar quem trabalha, mas orientando o ensino, a moralidade e o altruísmo pelos simples ditames da razão vulgar, ou antes, do livre exame.

*

Sôbre a história da Maçonaria, formigam as opiniões. Não as discuto: exponho-as. Sabida é a que deriva a Maçonaria de misteriosas instituições do Egipto e da Grécia.

Não menos notória é a que atribue a sua fundação ao arquitecto do templo salomónico.

Emfim, de bastante fama são os juizos, que filiam a Maçonaria na Ordem dos Templários — o que é tido por mais certo — ou na seita dos Rosa-Cruzes, ou ainda nos *juízes francos* da *Idade Média.*

Mas o que há de positivo apenas é que a Maçonaria intimamente se relaciona com a história dos grémios construtores. O documento tradicional mais antigo sôbre a Maçonaria foi descoberto em 1649 no arquivo do castelo de Pontcraft, na Inglaterra.

Até hoje, todos os críticos julgam que êsse documento é dos princípios do século XVII, embora redigido segundo documentos mais antigos, do século XIV, segundo uns, e mesmo do século X, segundo os mais generosos.

São dêste juízo os que afirmam ter-se organizado no século VIII a associação fraternal de construtores e com séde no norte da Itália.

E tão poderosamente se estenderia ela pela Europa que na Inglaterra teria como presidente o príncipe Edwin, filho ou sobrinho do rei Atelstan.

Segundo êsse documento mais ou menos ambicioso, Euclides, *mestre nas sete sciências*, ditou há muitos séculos as regras, a que deviam submeter-se os arquitectos, que tinham de tratar-se como Irmãos ou Companheiros e de eleger como Mestre o mais instruído de todos.

Muito tempo depois dêsse Euclides, empreëndeu David a construção do templo de Jerusalém, e comunicou aos arquitectos as regras eucledianas. Salomão, continuando as obras, reuniu 40.000 pedreiros, e escolheu entre êles 3.000 para mestres e directores dos

trabalhos. E, emfim, havia na Fenícia um rei chamado Hiram, que deu a Salomão a madeira precisa para a fábrica do Templo.

Depois, rodaram os tempos, e alguns inteligentes membros dêsses grémios viajaram pela Europa, sendo Nino Grecco (Mannou) quem fundou em França a Maçonaria.

*

Na Inglaterra, até aos tempos de Santo Albano, não encontro o menor vestígio tradicional de organização maçónica. Santo Albano foi quem obteve do monarca infeliz, então reinante, e que era pagão, o monopólio das construções para maçons que foram de França, e alêm disso cartas de lei autorizando-os a organizarem-se. O mesmo santo inspirou os respectivos regulamentos que, com as guerras sofridas constantemente pela nação inglesa, foram sendo postos de parte, mas que tiveram reabilitação plena no reinado de Atelstan, e sendo protegidos os maçons com afinco pelo príncipe Edwin levou a sua paixão maçónica a traba-

lhar ardentemente nas assembleas gerais e anuais dos obreiros, disciplinando-os com uma autoridade quáse monástica.

Mas isto que venho dizendo — devo acentuá-lo — só a rigor se me depara na tradição, porque a verdadeira história está longe de o aceitar como incontestávelmente positivo.

*

A História, por seu lado, quere que a Maçonaria brotasse das lutas medievais entre o feudalismo e os obreiros, pedreiros, artistas ou mecânicos, que na Alemanha, onde teriam emergido lutadoramente antes que os doutros países, se chamaram *steinmetzen*.

Êsses lutadores formavam comunidades de socorros mútuos nas quais juravam não revelar o segrêdo da sua arte, ensinando-a só a obreiros de evidente capacidade e de carácter austero em oficinas, ou *Lojas*, ao abrigo da curiosidade vulgar.

Essas comunidades, requintando cada vez mais a forma esotérica, adoptaram sinais mis-

teriosos afim de se reconhecerem, práticas secretas e uma regra exigente e obrigatória para todos os associados.

Nos meados do século XIII, Alberto, o Magno, ressuscitou a esquecida linguagem simbólica dos antigos e adaptou-a hábilmente á Maçonaria, instruindo nos símbolos os principais obreiros, que formaram logo o escol maçónico.

E assim, dêsde então, só uma minoria dos obreiros teve o conhecimento profundo da simbologia, que dava á grande Associação um organismo cheio de mistério e singular prestígio, o que não obstou ao constante engrandecimento da Maçonaria, sendo mesmo curiosa a humilde resignação e obediência da maioria obreira, incapaz de penetrar o espírito verdadeiro dos símbolos.

*

A febre das construções inundou a Europa nos séculos XIII e XIV e assim superabundou o trabalho para os obreiros aos quais se devem

tantos monumentos góticos não só na Alemanha, como na Inglaterra (e nomeadamente na Escócia) na França e na Itália.

Nêsses países trabalharam os maçons longos anos, e lá espalhavam as suas práticas e doutrinas. Foi no século XV que apareceu o nome de *Franc-maçon*, verificando-se os primeiros Capítulos das Lojas. A primeira reunião dos seus mestres efectuou-se a 25 de abril de 1459 em Regensburgo. Nela foram reconhecidos como chefes supremos da Associação, autonómicamente constituída e formada por Mestres, Vigilantes e Companheiros, os *veneráveis* das Grandes Lojas de Strasburgo, Viena, Colónia e Berne, e promulgaram-se as primeiras Ordenações da Associação dos Construtores.

A segunda reunião dos Mestres foi a 24 de agosto de 1462 em Torgau e a terceira a 29 de setembro do mesmo ano, na mesma cidade, dirigidas ambas pelas Lojas da Baixa-Saxónia, e tinham por fim desaderir ás Ordenações de 1459, substituindo-as por outras novas, o que não deu nenhum resultado prático.

E notarei ainda que até 1440, os maçons, que construíram a Catedral de Strasburgo, se

chamaram *Irmãos de S. João*, sendo dirigidos e organizados em confrarias por elementos monásticos. Bem depressa, porêm, se autonomizaram, tomando o nome de *franc-maçons*, e exprimindo, na palavra *franc, free, frei*, a liberdade civil do obreiro na sua qualidade de cidadão, isento de vários serviços da gleba.

*

A propagação da Maçonaria na Europa foi vertiginosamente extensa e intensa.

Já no século XIII os obreiros ingleses se reconheciam por meio de sinais. Em 1350, um decreto do Parlamento de Londres fixava o salário dos obreiros dos diversos ofícios, chamando *free stone masons*, franc-maçons da pedra, aos pedreiros.

Data de 1435 um documento público *Freemasons*, referido a um tal Guilherme Hozwode.

Mas até aos fins do século XVI os *freemasons* eram verdadeiros obreiros, canteiros, pedreiros, carpinteiros, etc., exceptuando apenas os seus patronos civís e eclesiásticos. Tomás

Boswell em 1600, Roberto Moray em 1641 e Elias Ashmole em 1646, foram os primeiros três indivíduos mecânicos das Lojas escocesas e inglesas, e filiaram nelas vários personagens eminentes, ricos e ilustrados, aos quais foi dado o título de *acepted masons*, para se distinguirem dos outros.

Mas o romper do século XVIII vibrou um grande golpe do carácter esotérico da Maçonaria, o que a deprimiu singularmente.

As transformações das Artes, o progresso das sciências, o complemento da obra da Renascença e da Reforma, emfim a descoberta da Imprensa anularam quáse todo o ensino secreto, tornando impossível a existência da Maçonaria medieval.

Com êsse golpe a Maçonaria como que cambaleou, ferida de morte, vendo-se obrigada a remodelar-se para persistir.

Em 1714 só havia na Inglaterra 4 Lojas. Mas, reunindo, juntas em 1717, constituíram a Grande Loja e deram á Maçonaria nova vitalidade, assinalando-lhe como tarefa o fomento do maior bem estar humano pela instrução e educação dos indivíduos tornando-os senhores

de si mesmos e espontâneos cultores da virtude e do bem.

Esta reforma compatibilizou logo a Maçonaria com todas as formas do governo e até religiões, propagando-a em todo o mundo, porque preceituava expressamente o seguinte:

1.º — *O maçon é obrigado a observar a lei moral e, portanto, não pode ser nem ateu nem libertino;*

2.º — *O maçon é obrigado a respeitar a religião do seu país.*

Com o tempo êstes preceitos foram substituídos pelos que aos maçons deixam a mais absoluta liberdade de crer ou de não crer, e que apenas lhes exigem, seja qual for a sua confissão e a sua política, sentimentos de lialdade, honra e justiça.

Mas, em síntese, o que históricamente posso afirmar é apenas que a Maçonaria primitiva nasceu na Alemanha e a moderna na Inglaterra. Resta-me agora lançar um olhar rápido sôbre os seus progressos nos diversos países do globo.

*

Na Alemanha a Maçonaria implantou-se primeiro em Hamburgo, cidade em que iniciou em 1737 os seus trabalhos a Loja *Absalão*. Sendo seu *venerável* Carlos Sarey, a 30 de Outubro de 1740, foi elevada a *Loja Provincial* pela Grande Loja de Inglaterra que assim quis distinguir o grémio onde, em 1738, na cidade de Brunswich, fôra iniciado o príncipe Frederico II da Prússia, perante delegados da *Loja Absalão*.

A propaganda maçónica irradiou para a Saxónia em 1738, para a Prússia em 1740, para Brunswich em 1744, para Wurtemberg em 1754 e para a Baviera em 1777.

A Loja da Saxónia foi elevada a Provincial em 1741 e em 1755 a Grande Loja que em 1811 se fundiu com a Grande Loja Nacional da Saxónia.

A primeira Loja da Prússia foi a dos *Três Globos*, fundada a 23 de setembro de 1746 por vários obreiros franceses, sendo elevada a *Rial*

Grande Loja Mãe por Frederico II, a 27 de junho de 1744. Frederico II foi seu *Venerável* até 1747.

Em 1833, no segundo Congresso de Viena, quando a Áustria e a Baviera reclamaram o extermínio da Maçonaria, Frederico Guilherme III, da Prússia, que reinava desde 1798 e pouco antes fôra iniciado, declarou que a Maçonaria prussiana viveria sempre debaixo da sua directa protecção e confirmou as três Grandes Lojas do seu país, ainda hoje com séde em Berlim e tendo os nomes de *Três Globos, Nacional, Alemã e Rial York.*

A elas se devem muitos estabelecimentos filantrópicos para os maçons e suas famílias.

A primeira Loja de Brunswich fundou-se a 12 de fevereiro de 1744, sendo do mesmo ano a fundação da Loja de Stuttgart no Wurtemberg, que viveu até 1835.

A primeira Loja do Hanover fundou-se em 1746, proclamando-se independente em 1828, como Grande Loja e sendo seu Grão Mestre, o rei.

A primeira Loja da Baviera fundou-se no ano de 1777 em Munich e, tornando-se o centro dos *Iluminados,* foi alvo de constantes perseguições.

Emfim, constituído o Império Alemão em 1870, o imperador Guilherme I foi protector da Maçonaria alemã, sendo seu Grão Mestre honorário o príncipe Frederico Carlos, iniciado a 5 de novembro de 1853.

Não consta que Guilherme II, o actual imperador, seja maçon, mas o Gran-Duque de Baden é protector da Rial Grande Loja *Amizade* e o Duque de Hesse protege a Grande Loja de Darmstad.

*

Na Inglaterra, as Grandes Lojas inglesas, escocesas e irlandesas continuam governando disciplinadamente as suas subordinadas, embora dando-lhes perfeita indepência local.

Existem três Supremos Conselhos do grau 33, vários Capítulos do Rial Arco e muitos Grandes Conclaves de Altos Cavaleiros Templários. O Supremo Conselho da Irlanda foi fundado em 1818; o da Inglaterra, em 1845; o da Escócia em 1846.

*

Na França a primeira Loja de Maçonaria moderna fundou-se a 13 de Outubro de 1721 em Dunkerque e com o nome de *Amizade e Fraternidade.*

Em 1736, sob a autoridade da Grande Loja de Inglaterra e com a presidência de lord Harnouster, fundou-se em Paris a primeira Grande Loja Provincial, que em 1756 se independentou com o nome de Grande Loja de França, trocado em 1772 pelo de Grande Oriente de França.

Durante os dez primeiros anos do segundo Império, o Grão Mestre Príncipe Murat e o aspirante a essa dignidade Príncipe Napoleão converteram a Maçonaria francesa num proscénio de lutas e ódios.

Napoleão III pôs cobro a todos os conflitos, nomeando, *pela graça de Deus e por vontade nacional,* Grão Mestre ao marechal Magnan, que nem sequer era aprendiz, mas que foi elevado ao grau 33 a 12 de janeiro de 1862.

Magnan morreu Grão Mestre em 1865, sucedendo-lhe o general Malinet, o último Grão Mestre, porque em 1873, combinou-se a substituição da autoridade superior pessoal por uma colectividade, chamada Conselho da Ordem.

E, de 1873 até hoje, de todos é sabido o papel político e anti-religioso, que vem desempenhando o Grande Oriente de França.

*

Da vizinha Espanha tenho notas desenvolvidas e interessantes quanto á vida maçónica.

A primeira Loja espanhola foi a fundada com o nome de *Matritense* na Rua Larga de S. Bernardo em Madrid, a 15 de fevereiro de 1728. Foi fundada sob os auspícios da Grande Loja de Inglaterra pelo Duque de Warton, segundo autorização do Grão Mestre lord Coleraine, sancionada em documento oficial de 17 de abril de 1728.

Em 1739, o Grão Mestre lord Lovell nomeou o capitão Jacob Cummerford, Grão Mestre Provincial da Andaluzia, mas Filipe V, conhecendo a origem inglesa de Loja, e impres-

sionado pela Bula de Clemente XII, publicou um severo édito, que ocasionou a prisão de vários membros da Loja de Madrid.

Apesar disso, a Maçonaria progrediu em Espanha, obrigando Fernando VII a ameaçar de pena de morte, no Decreto de 2 de julho de 1751, quem se filiasse naquela Ordem. Êsse Decreto fôra inspirado na Bula de Bento XIV, de 18 do mesmo ano.

A Maçonaria espanhola desde então vegetou apenas, subalterna da Inglaterra, mas no reinado de Carlos III, e sempre muito protegida por Keenne, ministro da Inglaterra em Madrid, prosperou grandemente.

Em 1767 tinha já muitas lojas e influência. Nêsse ano se instalou a Grande Loja Espanhola de que foi primeiro Grão Mestre Pedro Paulo Abarca de Bolea, o célebre conde da Aranda, e figurando entre os principais dignitários Pedro Rodrigues Campomanes, Miguel Maria de Nava, Pedro del Rio e Luís Vale Salasar.

Essa Loja fundou a célebre Sociedade Económica Matritense, expulsou os Jesuítas e em 1780 tomou o nome de Grande Oriente de Espanha, efectuando-se a solenidade no antigo

palácio dos Duques de Hijar, na Carreira de S. Jeronimo, em Madrid.

O conde de Aranda continuou a ser o Grão Mestre ainda, até depois do seu desterro, a 14 de março de 1794. Nove mêses depois, era transferido para a prisão da Alhambra de Granada, e por sinal que Godoy pôde dizer a Carlos IV, apresentando um papel colhido na sua devassa: — *Senhor, aqui está um documento que merece castigo e ao autor dêle se deve formar um processo, e nomear juízes, que o condenem, tanto a êle como a várias pessoas, que formam sociedades e perfilham ideias contrárias ao serviço de V. Majestade, o que é um escândalo*».

Por êsse tempo não era conhecido na Espanha o rito escocês, que se estabeleceu em Aranjuez só em 1808, sendo fundado o primeiro Supremo Conselho espanhol pelo conde de Grass-Tilly (o mesmo que idêntica colectividade estabelecêra na França em 1804).

Falecido o conde, substituiu-o Manuel Vadillo, muito auxiliado, entre outros, pelo conde de Montijo, que no seu palácio instalou

uma Loja, por Luís Urquijo, e até por J. A. Llorente, secretário do Santo Ofício.

Nos meados de março de 1808, o conde de Montijo transferiu secretamente a sua Loja de Cádiz para Madrid e de Madrid para Aranjuez, segundo lho ditaram conveniências, indo ás sessões vestido de camponês e usando o nome de *Tio Pedro*, e com tal influência na política espanhola, que Godoy caíu do poder a 18 de março de 1808, fustigado por uma implacável impopularidade.

Assim vingou o conde de Montijo, o conde de Aranda.

Em 1809, reinando na Espanha José Napoleão, que fôra Grão Mestre na França em 1805, fundou-se em Madrid, no edifício que fôra da Inquisição, abolida por um decreto do mesmo José Napoleão, a Loja francesa *Santa Júlia* sôbre a qual se constituíu, a 3 de novembro do mesmo ano, um *Grande Oriente* debaixo da protecção rial.

Foi uma Loja de longo e intenso prestígio.

Ao mesmo tempo, fundaram-se Lojas em Jaen, Salamanca, e outros centros em que os franceses tiveram partidários, mas separada-

mente das espanholas, que trabalhavam com ardor patriótico pela emancipação de todo o jugo francês.

Mas, quando se tratava dos interesses gerais da Maçonaria, as lojas francesas e espanholas entenderam-se sempre fraternalmente.

A ordem tinha nas Côrtes de Cádiz (1812--1814.) grande representação, pertencendo-lhe também quáse tôdos os principais órgãos da imprensa.

Mas em 1814, voltando a Espanha Fernando VII, foi a Inquisição restaurada e foram encerradas as Lojas maçónicas por decreto de 24 de maio do mesmo ano.

A hostilidade do monarca fêz solidários tôdos os liberais com os maçons, assumindo assim a Maçonaria espanhola um papel ardentemente patriótico e político, e vendo-se nas suas Lojas homens como o ministro Ceballos.

E os trabalhos maçónicos foram tão tenazes e fecundos que, se Vilaviceência, governador de Cádiz, não tem sido avisado a tempo, teria rebentado, a 27 de agosto de 1814, uma formidável revolução, reclamando a Constituição de 1812.

Denunciado o movimento, foram presos todos os membros da Loja de Granada, e entre êles o general Avala, ajudante do duque de Wellington, o marquês de Tolosa, e vários italianos, franceses e alemães.

Em maio de 1815 foi surpreëndida no Café de Levante, em Málaga, uma Loja, mas êsse facto não obstou a que o general Porlier, induzido por seu primo o conde de Toreno, que se filiara no partido liberal, também fôsse iniciado na Maçonaria, tramando de acordo com as Lojas de Madrid, Barcelona e Andaluzia, uma revolta, que lhe custou a vida no dia 3 de outubro do mesmo ano de 1815.

Entretanto, a Maçonaria espanhola trabalhava sempre pela liberdade.

No banquete solsticial do inverno de 1816, o conde de la Bisbal brindou ao triunfo de Lacy, como libertador da Espanha, e que, de conluio com o general Milans e com a Loja Central de Granada, e contando com bons elementos — generais, ministros, etc. — atacaram a Catalunha a 5 de abril de 1817, esperando-se só uma resistência aparente da parte do general Castaños.

Mas em Mataró foi derrotado o movimento. O general Milans fugiu para Gibraltar. Emfim, Lacy caíu nas mãos do populacho e não o libertaram das masmorras os ardentes esforços dos oficiais maçons Cabrera e Llanders, do general Castaños, e de Campo Sagrado, ministro da guerra. E, entretanto, Fernando VII dispôs tão apertadamente as coisas, que Lacy foi fusilado a 4 de julho de 1817.

No princípio dêste ano de 1817 tinham Manuel Vallilo, representante do Supremo Conselho, e o conde de Montijo, como Grão Mestre do Grande Oriente Espanhol, celebrado em Granada a aliança entre os dois ritos, aproveitando o facto de ter sido elevado a ministro da Justiça, e com o auxílio da camarilha de Fernando VII, Lozano Torres, que em 1813 dera na sua casa, durante as Côrtes de Cádiz, um salão para as reuniões maçónicas.

Sob a protecção das autoridades estava em Granada a Direcção Geral da Ordem, sendo Grão Mestre o Conde de Montijo, Capitão General do distrito, e que tinha ao seu lado os homens mais importantes pela jerarquia e pela riqueza.

Dali irradiava a influência maçónica para os últimos confins da península, incluindo Portugal, e predominando os militares. Foi nêsse tempo muito poderosa a Loja de Múrcia, devida a Van-Halem, e que entre os seus membros contou Romero Alpuente, Torrijos e Lopez Pinto, o qual tinha o nome simbólico de Numa. Dessa importante Loja nasceram as de Cartagena, Alicante e Valência.

Mas a falta de prudência do Centro de Granada denunciou tudo ao governo, sendo deportados muitos maçons, encarcerados outros, e fugindo de Espanha muitíssimos. O conde de Montijo foi chamado a Madrid sob as maiores suspeitas e para Madrid os chefes maçónicos cautelosamente transferiram em junho de 1817 o poder dirigente.

Van-Halem, chamado perante a Inquisição de Múrcia, declarou que só responderia ao rei em pessoa, mandando-o por isso Fernando VII apresentar em Madrid. O monarca baldadamente pretendeu convencer Van-Halem de renegar o seu credo, e antes o maçon perorou muito tempo no sentido de conseguir o rei, da côrte de Roma, a abolição dos anátemas, que

impêndem sôbre a Maçonaria. Assim teria — concluiu Van-Halem — uma legião invencível a favor do trono, porque o povo espanhol, grato á liberdade generosa, seria, como nunca, fiel ao seu soberano.

Também Fernando VII se não deixou convencer, mas ordenou que Van-Halem fôsse tratado com brandura no cárcere, e tão obedecido foi nêsse aspecto, que o operoso maçon conseguiu fugir e, protegido pelo conde de Montijo, refugiou-se em França com excelentes recursos.

Depois desta entrevista com Van-Halem, Fernando VII parece que, por si mesmo, ou pelas pessoas de favoritos astuciosos, pôde entrar na Ordem, devassando-lhe os planos e trabalhos.

Em 1819, as Lojas espanholas, tendo como principal centro Cádiz, na casa do opulento comerciante Tomás Isturiz, continuavam trabalhando pela causa liberal.

O governo provisório de 1820 soltou os maçons presos, o que incrementou muito a Ordem.

Ao conde de Montijo sucedeu, como Grão Mestre, Rafael del Riego. Com êste, no ano

de 1822, apareceu no Soberano Capítulo, Ramon Maria Calatrava, ao lado de seu irmão, José Calatrava, do conde do Toreno, e do duque de S. Lourenço.

Rafael del Riego foi Grão Mestre até 7 de novembro de 1823, dia, mês e ano, em que morreu.

O banquete na Fonte de Ciro em Riego — onde se cantou o hino dêste nome, com letra do maçon general S. Miguel — enfureceu Fernando VII que, quáse coagido, firmou a lei da secularização dos conventos, apresentada pelo seu ministro e maçon, Arguelles.

Enfim, a Maçonaria espanhola impunha-se ao próprio Paço de Madrid, quando a começaram a dilacerar rivalidades pessoais e políticas.

Assim surdiram os Comunistas, os filhos de Padilha, os Carbonários, etc. sendo seus principais chefes os exaltados maçons Romero Alpuente, Mejia, e Ballesteros, que a si próprio se cognominou de *Grande Castelhano,* e que ia procurar os adeptos nos mancebos inexperientes das classes baixas.

O Grande Oriente dirigiu encobertamente o ministério radical espanhol de 6 de agosto

de 1822 e a que pertencia o general S. Miguel, que na Maçonaria tinha o grau 33. Assim, Fernando VII, firmou muitos decretos ditados pelas Lojas, mas o ministério maçonico, aliás vigiado de perto pelos rialistas, timbrava mais em floridos discursos nas Lojas do que em boas medidas, que conciliassem ânimos do povo espanhol, excessivamente dividido em facções.

Em 18 de junho de 1824, foram detidos os agentes da Loja de Gibraltar com importantes documentos, o que levou Fernando VII a renovar no dia 1 de agosto do mesmo ano, a Rial Ordem contra os maçons, cominando a pena de morte áqueles que, sendo-o, se não apresentassem como tais no praso de 30 dias, e declarando que, decorrido êsse praso, seriam os que se provasse serem-no, enforcados dentro de 24 horas em processo sumário.

Ninguêm se apresentou e assim foram numerosos os justiçados. Em março de 1826 padeceram o suplício da fôrca o Veneravel e mais membros duma Loja de Granada e um candidato a iniciação, surpreêndido no assalto da polícia, foi condenado a 12 anos de presídio. Muitos maçons foram fusilados pelo conde de

Espanha. Em 1829, sucedeu a Rafael del Riego, no Grão Mestrado, Francisco de Paula de Bourbon, que deu muito prestígio á Ordem e ao partido liberal.

Foi então que recomeçou o uso do *santo e senha semestral.*

Luís Filipe, de França, protegeu muito os maçons espanhóis, os quais, por prestígio do Grão Mestre Príncipe e infante de Bourbon e da Princesa e infanta D. Carlota, muito concorreram para subir ao trono D. Isabel II.

Anos depois, certos avisos anónimos, que apareceram afixados em várias salas do palácio rial e que atacavam o general Narvaez, favorito da rainha, por êste foram atribuídos ao infante Grão Mestre e aos seus irmãos, pelo que Bourbon deixou o Grão Mestrado nos fins do ano de 1847.

A 24 de dezembro dêsse ano sucedeu-lhe Ramon Maria de Calatrava, que apesar de ser julgado pusilânime, desenvolveu tanta energia e até temerária imprudência, que Narvaez, informado depressa pela polícia secreta, aludiu públicamente a Calatrava no parlamento, pelo que Calatrava teve de delegar temporáriamen-

te a sua autoridade no antigo maçon e Grão Mestre adjunto Pinilla, o qual organizou mais de 300 Lojas, todas com carácter acentuadamente político.

Daí resultou a perseguição sofrida pela Maçonaria em 1849, e que teria sido funestíssima a realizar-se a traição do padre Basílio Garcia. Êste maçon e Grande Secretario, depois de, com o Grão Mestre, esconder tôdos os documentos em casa dum estranjeiro, denunciou ao chefe do governo o esconderijo dêsses documentos, golpe que Pinilla, num perspicaz palpite, prevenio, porque, logo que saíu o Secretário Geral, levou os documentos para logar seguro, passando êles por sua morte para o poder de Ramon Maria Calatrava.

O governo, julgando o padre Basilio um falso delator, mandou-o prender, morrendo êle dias depois no cárcere, de susto, segundo dizem.

Em 1854, tornou a Ordem a triunfar com o general S. Miguel, Capitão das Guardas mas êste maçon corrompeu-se com os favores do Paço.

Falecido Pinilla, e chegados os anos de

1865 e 1866, retomou Calatrava o Grão Mestrado a instâncias do grande banqueiro Matheu, fideicomissário maçónico do infante D. Francisco e antigo membro do Grande Oriente e homem, que, ao finar-se o infante, dêle recebêra a recomendação de restaurar a Ordem. Como os tempos eram adversos, formou o primeiro Grande Triângulo, e depois reorganizou o Grande Oriente no qual, entre outros, ingressaram os antigos maçons Mendialdna, José Maria Camacho, que em 1847 pertencêra á Grande Câmara de Justiça, José Reus, íntimo amigo e colaborador de Pinilla, e João António Secane.

O seu primeiro trabalho foi promulgar a Constituição de 1 de março de 1866, a qual ainda hoje rege os destinos do Grande Oriente Nacional da Espanha.

Em todas as revoluções e *pronunciamientos* colaborou a maçonaria espanhola, especializando-se a revolta republicana do general Dominguez a 4 de abril de 1848, a revolução militar de 1854, em que se assinalaram triunfantemente os generais S. Miguel, Espartero, etc. etc., produzindo dois anos de governo liberal favorá-

vel ao progresso maçónico que, no grupo dos Carbonários, teve Rivera, Pi y Margall, Figuera e outros. A êstes se devem os trabalhos, que deram os acontecimentos de 1868, cujo prelúdio foi a insurreição dos regimentos de cavalaria em Aranjuez e Alcalá, em 1866, com Prim á frente.

Em 1868 o Grande Oriente Nacional da Espanha tinha uma hegemonia indiscutível. Mas, dada a vitória do partido liberal, multiplicaram-se as Lojas autónomas e entre elas as constituídas por emigrados, que recolhiam de Portugal, filiados nas Lojas portuguesas. Enfim, a 10 de outubro de 1869, fundou-se o *Grande Oriente de Espanha* independentemente do *Grande Oriente Nacional* por êste querer conservar-se neutral em questões políticas e religiosas.

O novo *Grande Oriente* afastou por isso de si em 1871 o seu fundador Mañan, dando o Grão Mestrado ao influente político Ruiz Zorrilla, que, afinal, ainda não era maçon.

Zorrilla foi presidente do conselho de ministros em 1871 e em 1872, tendo grande influência pessoal junto do rei Amadeu, que fir-

mou em decretos, inspirações da Maçonaria de cujas Lojas e Capítulos brotaram, aliás, várias manifestações públicas e moções parlamentares.

Em 1873, depois da abdicação de D. Amadeu I, o Grande Oriente de Espanha fraccionou-se em grupos — presididos respectivamente por José Carvajal, por um tal Lasomera, pelo ministro da Marinha Oreiro e por João António Perez.

Os acontecimentos políticos de 1875 ameaçaram a Maçonaria espanhola, de perigos idênticos aos de 1818, pelo que a vida maçónica na Espanha sofreu grande depressão.

Em 1876 morreu o Grão Mestre, Ramon Maria Calatrava, sucedendo-lhe o marquês de Secane e nêsse mesmo ano foi Afonso XII visitado pelo Príncipe de Gales, que pediu ao monarca espanhol a legalização da vida maçonica. O futuro Eduardo VII era Grão Mestre da Grande Loja de Inglaterra. Afonso XII respondeu que tinha pela Ordem Maçónica a maior simpatia mas que era preciso ocultá-la até normalizar a vida do seu país. Compreënde-se, pois, que o monarca não perseguiu a

maçonaria, se encobertamente a não protegeu, e assim nada admira que em 1822 os maçons activos atingissem em Espanha o número de 14.358, assim discriminados: senadores, deputados, titulares, generais, altos funcionários, 130; magistrados, juízes, advogados, 1.033; oficiais superiores e militares de todas as classes, 1.094; engenheiros, 143; médicos, 794; várias carreiras, 1.105; publicistas 1.506; proprietários, 1.392; comerciantes, 1.882; industriais, 938; artistas, 753; empregados públicos, menores, 3.588. O marquês de Secane morreu a 31 de janeiro de 1887, sucedendo-lhe no Grão Mestrado, o Grão Mestre interino, J. M. Pantoja.

Entretanto, o general Carmona e Rojo Arias governavam os dois grupos, em que se dividira o novo Grande Oriente e que se fundiram depois por manejos do Grande Oriente Nacional, que mais tarde os absorveu, reconquistando a velha hegemonia.

Em 7 de fevereiro de 1889, o Grande Oriente Nacional de Espanha, fundado em 1780, abrigou-se nos benefícios da lei das Associações, sendo reconhecido, sociedade legal se-

gundo certificado expedido por Alberto Aguilera, governador de Madrid.

A Maçonaria espanhola é hoje bastante poderosa, e contando em Portugal muitas Lojas, chamadas *irregulares*, isto é, Lojas dissidentes do Grande Oriente de Espanha e não sujeitas ao Grande Oriente Lusitano Unido.

Ultimamente, porêm, os maçons espanhóis perfilham demais o sectarismo político, o que os entrega a uma verdadeira invasão carbonária, semelhantemente ao sucedido em Portugal onde a verdadeira Maçonaria declinou sensívelmente desde 1908, ano do predomínio definitivo dos elementos revolucionários.

*

Na Áustria, nunca a Maçonaria teve grande valor. Em 1764, Maria Teresa, apesar de Francisco I, seu marido, ser maçon, proibíu severamente a Maçonaria.

Em 1790, foi renovada essa proíbição por Francisco II, logo que o antecessor dêste, José II, lhe deixou o trono.

A Maçonaria austríaca vive, porêm, com

bastante liberdade desde os princípios do século XIX, tendo um Supremo Conselho para os graus 4 a 33 e uma Grande Loja Simbólica Autónoma.

*

Na Bélgica, a Maçonaria não tem também excessiva importância. A 4 de junho de 1721 fundou-se a primeira Loja Maçónica do Continente europeu, intitulada *Perfeita União* na cidade de Mons, por iniciativa do duque de Montagu, Grão Mestre da Grande Loja de Londres.

Depois de 1815, unida a Bélgica á Holanda, houve a fundação da Grande Loja Provincial de Bruxelas sob a obediência do Grande Oriente da Holanda, presidida pelo príncipe Frederico, dos Países Baixos, que foi nomeado Grão Mestre das três Grandes Lojas independentes a 11 de abril de 1818.

Separada da Holanda, a Bélgica viu modificada a sua situação maçónica e, por uma circular de 16 de dezembro de 1832, reúniu-se a 25 de fevereiro de 1833, uma Assembleia geral maçónica, que organizou em 1835 o Grande Oriente da Bélgica.

*

Na Holanda a primeira Grande Loja foi fundada na Haia no ano de 1725 e nela se instalou em 1735 uma Grande Loja Provincial. Depois, sob os auspícios da Grande Loja de Inglaterra, fundou-se em 1756 a Grande Loja Holandesa, que se proclamou independente em 1770 e criou á sua custa em 1810 o grande Instituto para Cegos, de Amsterdam.

Triunfou a Grande Loja, dos perigos de 1810 a 1817, ano em que a Maçonaria holandesa estabeleceu um poder central, recaindo o Grão Mestrado no príncipe Frederico, dos Países Baixos, para governar a Grande Loja da Holanda e as Grandes Lojas Provinciais de Haia e de Bruxelas, sendo aquela encarregada de presidir ás numerosas Lojas disseminadas nas Indias.

Entre os Grão Mestres da Grande Loja da Holanda, avulta o Principe de Orange em 1891.

*

A Maçonaria iniciou os seus trabalhos na

Suécia em 1736, sendo proíbida em 1738, mas conseguindo formar em 1754 uma Grande Loja Provincial.

Em 1794 foi a Maçonaria reconhecida oficial e governativamente, sendo desde então presidida sempre pelo monarca reinante. A 27 de maio de 1811, Carlos XIII fundou uma Ordem exclusivamente para os maçons mais distintos.

*

A primeira Loja da Rússia foi a fundada em Moscow, no ano de 1731, pela Grande Loja de Londres, estabelecendo-se só em 1771 a de S. Petersburgo, que no ano seguinte organizou a primeira *Grande Loja Russa*, e iniciando-se assim o período mais brilhante da Maçonaria na Rússia. Por então pertenceram a essa Ordem os principais nobres do Império, e a própria Catarina II ordenou a iniciação de seu filho Paulo I. Alexandre I foi também iniciado em 1803, mas anos depois, teve sempre grande desconfiança da Maçonaria, naquele tempo retalhada por conflitos entre a Grande Loja Ma-

çónica, o Directório Templário e uma Grande Loja Inglesa. que se fundou em 1815.

Alexandre perseguiu enfim a Maçonaria com uma rígida proscrição e, pouco depois, deprimia-a o niilismo revolucionário, que foi progredindo até aos últimos acontecimentos, fatais ao trono dos Tzares.

Na Polónia, até há pouco domínio russo, a primeira Loja fundou-se em Varsóvia no ano de 1739, instalando-se em 1769 a Grande Loja da Polónia, que sucumbiu diante da propaganda vitoriosa do sistema Templário. Desde 1794 a 1810, a maçonaria polaca não deu sinal de si, esmagada pelos Tzares, emergindo uns tempos débilmente até que o imperador Alexandre, em 1821, a exterminou quáse de todo.

*

Com a patente da Grande Loja de Inglaterra, se fundou em Genebra a primeira Loja suiça no ano de 1737. Fechadas pelas leis em 1738, em 1745 e em 1770, resistiu, porêm a todas as hostilidades e em 1786 florescia já em Genebra um Grande Oriente da Suiça, que a

Revolução de 1789 fez fechar, e renascendo em 1796, mas para se extinguir anos depois.

Contudo, outras Lojas subsistiram, umas do sistema Templário e outras do Maçónico, dando em 1876 a direcção suprema á *Grande Loja Alpina*, de acôrdo com o Supremo Conselho da Suíça, continuação do Directório do sistema Templário.

*

A Grande Loja da Inglaterra fundou em 1738, na Turquia, lojas maçónicas que desapareceram, impopularizadas, destruídas pela geral antipatia.

Há pouco mais de 20 anos vegetam em Constantinopla, Lojas maçónicas constituídas quase só por estranjeiros. A única autoridade maçónica é hoje o *Supremo Conselho do Grau 33* com a sua séde em Constantinopla.

*

Terminarei o esbôço da vida da Maçonaria europeia, deixando, para outro logar, a de Por-

tugal, com as notas, que possuo sôbre a maçonaria italiana, por ser esta muito diferente das outras nos meios de combate e, por vezes, no espírito.

Como traços gerais temos o seguinte: A fundação da primeira Loja, por agentes ingleses, em Florença no ano de 1729, e dando origem á *Grande Loja Provincial* em 1731, a perseguição por ela sofrida, quando elevada em 1767 a *Grande Loja Nacional de Itália*, e depois de ferida em cheio pelas bulas pontifícias de Clemente XII em 1738 e de Bento XIV em 1751; o seu aniquilamento sob o decreto de Pio VII, a 15 de agosto de 1814, aniquilamento do qual só pôde levantar-se 48 anos depois, no dia 1 de janeiro de 1862, quando constituíu o *Grande Oriente da Itália*, instalando-se, porêm, pouco depois um Supremo Conselho do Grau 33, com muitas Lojas independentes, que fomentaram perigosas scisões; enfim, em 1863, a unificação, com jurisdições reservadas, formando a *Grande Loja de Itália*, um Supremo Conselho do grau 33, em Roma, e outro em Nápoles com o título de *Soberano Santuário do Antigo e Primitivo Rito Oriental de Mêmfis e Misraim*.

Como notas particulares, temos a elasticidade dos meios de combate, predominando mais a astúcia política do que a elevação dos princípios; o espírito de acintoso negativismo de mistura com uma espécie de exaltado misticismo, favorável ao regicídio e á anarquia; a sua fácil degenerescência em carbonarismo, degenerescência freqùente e que tem bastante explicação no predomínio da astúcia levada ao requinte e do libertarismo exagerado pela exaltação. Poucas maçonarias, pois, como a italiana, são rígidas no ritual ou fazem dêle um rótulo caviloso, segundo as conveniências. Contudo, a Maçonaria tem prestado bons serviços à Itália.

Ao passo que, na Africa, a Maçonaria, a não ser, e débilmente, nas colónias inglesas, portuguesas e francesas, principalmente em Túnis e no Egipto, mal emerge, aproveitando pouco o exemplo da república da Libéria, que tem, desde 1850, uma Grande Loja de negros, independente — a única —, vejo que na Ásia formigam os grémios maçónicos.

Na India há perto de 100, dependentes da

Grande Loja de Inglaterra, mais de 10, dependentes da Grande Loja da Escócia, 4 da de Holanda e 2 da de França.

E, se na Pérsia teem fracassado todas as tentativas maçónicas, há na China as Lojas de Cantão, Hong-Kong e Chang-hai, dependentes da Grande Loja de Inglaterra, mas tendo elementos indígenas de importância como activos propagandistas.

No Japão, florescem bastantes Lojas inglesas com as sédes em Yedo e Yokohama.

Enfim, a Oceania rivaliza com a Asia na sua importância maçónica, sendo notáveis as Lojas de Inglaterra e da Escócia na Austrália. O Grande Oriente de França tem Lojas numerosas nas ilhas Hawaï e nas possessões francesas do Oceano Pacífico e do Oceano Índico.

Mas seja-nos lícito, voltando á África, frisar aqui, como excepcional, o movimento maçónico do Egipto depois de estabelecido o protectorado inglês. O *Supremo Conselho* e a *Grande Loja do Rito Escocês* vivem suficientemente organizados, desde 1864, mas o progresso actual da maçonaria egípcia pouco deve aos elementos indígenas.

O *Grande Oriente do Egipto* tentou mesmo, a princípio, a propaganda livre do Rito de Mêmfis, o unico esoterismo, que alcançaria na terra egípcia adesões calorosas e firmes.

*

Reservei apropositadamente para agora o esbôço da vida maçonica na América.

E digo apropositadamente, querendo significar que a Maçonaria americana tem importância especial, digna de nota, principalmente pelo inconfundível ardor dos seus obreiros. O maçon americano leva a sua rigidez de fé a um quási fanatismo, de que hoje se não encontra uma amostra na fatigada Europa.

No Velho Continente, a não ser na Ásia ocidental, e em algumas regiões da Inglaterra e do centro da Europa, esmoreceu o rigor do ritual, escassando cada vez mais, os que seguem as lições de Alberto, o Magno.

Os próprios sentimentos altruístas, que caracterizam a Maçonaria moderna são muito mais tíbios na Europa do que na América, onde a solidariedade maçónica tem um poder

e disciplina, que a impõem mesmo aos seus mais ardentes inimigos.

Entretanto a corrente teosófica, bem mais do que a vulgarmente chamada espiritista, adoça-lhe a rigidez, afastando-a de exclusivismos políticos e religiosos, não aventurando as forças maçónicas em revolucionarismos mais ou menos particularistas.

*

A Grande Loja de Inglaterra fundou a primeira Loja dos Estados-Unidos do Norte da América em Nova Jersey no ano de 1729, e lá se cultivou afinal com vigor o nativismo, que veio a dar a emancipação.

Não faltaram críticos ingleses, que atribuíssem á Maçonaria a mais viva propaganda separatista, fomentada por ingleses foragidos da metrópole, como reus de crimes políticos ou religiosos.

A primeira Grande Loja fundou-se na Virgínia ocidental em 1778, e teve influência activa e forte nos destinos da nacionalidade *yankee*.

Em 1891, encontravam-se nos Estados-Unidos 600.000 maçons distribuídos por 9.900 Lojas. Hoje o número dêles deve atingir mais de 700.000.

O *Grande Oriente dos Estados-Unidos* é formado pelo Congresso das Grandes Lojas, que se reune em Nova-York.

*

A Grande Loja de Inglaterra fundou em 1806 o primeiro templo maçónico do México. Em 1813, surdiu no México o Rito Escocês e em 1825 o Rito de York, e ambos num antagonismo tão renhido e intolerante, que foi preciso, para boa pacificação, fundar em 1826 um *Rito Nacional Mexicano* com 9 graus, chamando a si, só os maçons ilustrados e pacifícos e deixando dilacerar os outros numa luta, que depressa os aniquilou, trazendo assim a suspirada paz maçónica.

Em 1860, o Supremo Conselho de Charleston fundou no México um Supremo Conselho do grau 33, mas da autoridade do de Charleston se separaram em 1878 muitos maçons, que fundaram um Supremo Conselho e uma Gran-

de Loja do México. Enfim, em 1883, formou-se uma Grande Loja independente do Rito simbólico inglês, tendo, pois, a maçonaria mexicana 4 autoridades concorrentes.

Mas a Maçonaria na América oferece geralmente êste singular aspecto — muito vigor e muitas dissidências.

*

No Perú, a vida maçónica data de 1825, ano de independência peruana. Nêsse ano fundou o Grande Oriente de Colúmbia várias Lojas em Lima e outras cidades da nova republica, estabelecendo-se um Supremo Conselho do Grau 33 em 1830, e em 1831 a *Grande Loja do Perú.*

De 1833 a 1845, as lutas políticas deprimiram muito a maçonaria do Perú até que em 1852 o *Grande Oriente Nacional de Espanha* reconstituiu sólidamente o *Grande Oriente Nacional do Perú* e que constitue, com o Supremo Conselho e a Grande Loja independente da Maçonaria Simbólica Peruana, as três potências maçónicas daquela república.

*

Na república de S. Domingos instalou-se a primeira Loja em 1845, e depois de muitas vicissitudes, áspero reflexo da vida política, conseguiu organizar a 11 de dezembro de 1858 uma Grande Loja Nacional e um Supremo Conselho em 1859.

Na república do Equador fundou o Grande Oriente do Perú a primeira Loja e o Primeiro Capítulo em Guayaquil mas desaparecendo essa obra em 1860. Hoje há no Equador um Supremo Conselho e uma Grande Loja de rito escocês.

Nas repúblicas de Venezuela e Uruguai tem a Maçonaria muito maior importância. O Grande Oriente Nacional de Venezuela fundou-se em Caracas em 1865 e dependem dêle perto de 100 Lojas. Guzman Blanco, que foi Presidente da República de Venezuela, foi também grande Protector da Maçonaria venezuelana.

Quem fundou no Uruguai a primeira Loja foi o Grande Oriente de França no ano de 1827

Em 1855 fundaram-se 16 Lojas e em 1859 constituiu-se em Montevidéu um Grande Oriente.

No Haiti fundou-se a Grande Loja em 1823 e o Grande Oriente em 1835, dirigindo hoje perto de 50 Lojas.

*

A Grande Loja de Inglaterra fundou as primeiras Lojas do Canadá. A 16 de outubro de 1855 reuniu-se em Hamilton um Congresso maçónico canadiense, representando 49 Lojas, e proclamou a indepêndencia da Maçonaria do Canadá.

O Grande Oriente de França fundou a primeira Loja do Chili de 1840. Esta Loja dissolveu-se depressa, reabrindo em 1851 com a criação de Lojas do Rito Inglês e dependentes do Grande Oriente dos Estados-Unidos. No dia 20 de abril de 1862 constituio-se a Grande Loja do Chili.

A Maçonaria penetrou na Colúmbia em 1820 e depois de encarniçada luta pôde fundar o Grande Oriente Columbiano a 17 de junho de 1833.

Tem um Supremo Conselho e outro Neogranadino no departamento de Bolivar.

Enfim, na República Argentina a Maçonaria fundou a primeira Loja a 22 de abril de 1858, adoptando o Rito Escocês. Em 1876, devido ao Congresso parcial dos Supremos Conselhos Maçónicos, realizado em Lausanne no ano de 1875, principiou o fraccionamento maçonico, ficando na República Argentina 8 grupos distintos: Dois Supremos Conselhos, uma Grande Loja, Grupos francês, inglês, alemão e italiano, e uma Confederação Simbólica Maçonica.

*

Finalmente, no Brasil a propaganda maçónica penetrou no ano de 1816. Desde a Inconfindência Mineira, desastre revolucionário que vitimou o Tiradentes no fim do século XVIII, e com êle os poetas Cláudio Manuel da Costa, Tomás António Gonzaga, Alvarenga, e outros personagens de Vila Rica ou Ouro Preto, que os europeus notavam no pôvo brasileiro grandes tendências para associações secretas.

Crê-se mesmo que, embora constituídas muito irregularmente, abundavam as Lojas maçónicas desde os primeiros tempos da estada de D. João vi no Rio de Janeiro, sendo, porêm, certo que as verdadeiras Lojas só se estabeleceram em 1820.

E em 1822 se constituío o *Grande Oriente do Brasil*, poderoso elemento para a conquista da independência, e ao qual se diz ter pertencido D. Pedro i do Brasil e iv de Portugal.

Durante o reinado de D. Pedro ii, a Maçonaria brasileira teve dois períodos principais, o da unidade do Grande Oriente até 1863, e o que vai dêsse ano até 1883.

No primeiro período, o carácter político predominou acentuadamente, influindo quáse sempre nos governos e no parlamento, o que não era ignorado por Pedro ii, e tambêm sustentando grandes estabelecimentos de beneficência, bem como apoiando a corrente positivista, que, sob uma forma religiosa, conforme a última maneira de Augusto Comte, apaixonou bastante os intelectuais do Brasil. No segundo período, o fraccionamento do Grande Oriente em *Grande Oriente* e *Grande Oriente Unido*, o

que se deu no referido ano de 1863, não contrariou na essência o espírito da maçonaria brasileira, mas dividiu-a em dois grupos—o dos maçons rígidos, que punham acima de tudo os princípios tradicionais, e os de aspirações mais políticas, que visavam, mais ou menos directamente, a mudança de instituições.

Foi decerto o 2.º Grupo, que excitou e canalizou os despeitos dos fazendeiros contra o Imperador, embora por outro lado fôsse sempre ardentemente abolicionista, preparando assim com astúcia o caminho da implantação da República.

Mas o 1.º Grupo foi-se adaptando tambêm ao ambiente político, que respirava e encontrou depressa no próprio credo positivista a sugestão da primazia do ideal republicano, pelo que os dois Grandes Orientes fácilmente se fundiram cinco anos antes do desterro do Imperador, em janeiro de 1883.

Hoje a Maçonaria Brasileira, depois de ter avolumado a portuguesa, activando-a, orientando-a e até enriquecendo-a nas pessoas de portugueses, que no Brasil se locupletaram e mesmo ilustraram relativamente, perdeu mais

o carácter político, que ficou pertença dum determinado núcleo, e tomou o caminho do esoterismo, do pacifismo cristão, que suplantou na sociedade brasileira o predomínio positivista.

A Maçonaria no Brasil continúa, pois, hoje principalmente a obra da beneficência e as da instrução e da educação por meio dum espiritualismo independente de qualquer confissão religiosa.

Mas ainda predomina bastante o scepticismo religioso e até o materialismo, nas Lojas em que há muitos anos costumam filiar-se os comerciantes e que tem quáse sempre como Veneráveis, homens de modestíssima cultura, aferrados incondicionalmente à política e à revolução.

*

Tem-se geralmente como positivo, que a *Grande Loja de Inglaterra* fundou a primeira Loja portuguesa em Lisboa no ano de 1735, e que os maçons foram constantemente perseguidos até 1805, ano em que se fundou o *Grande Oriente de Portugal,* dissolvido em 1814,

reconstituído em 1817, e exterminado pelos decretos de D. João VI em 1818 e 1823, cominando o de 1818 a pena de morte aos maçons e o de 1823 a pena de 5 anos de degredo.

Só desde 1834 é que a Maçonaria Portuguesa tem a liberdade, um tanto relativa até 1910, e dêste ano em diante livre de efectivas peias.

Contudo, o dr. José de Arriaga afirma, na sua *Historia da Revolução Portuguesa* de 1820, que não pode ainda fixar-se o ano certo da introdução da Maçonaria em Portugal e parece inclinar-se a dar-lhe uma origem exclusivamente francesa.

Seja como fôr, em 1795 o intendente Pina Manique denunciou, em participação datada de 6 de março daquele ano, uma intensa vida maçónica na cidade do Porto.

Em 1797 fundaram franceses e ingleses muitas Lojas em Lisboa e, com o governo de Junot, medrou muito a Maçonaria Portuguesa que, afinal, concorreu depois muito para a expulsão dos franceses. Entre os maçons, que em 1808 excitaram o patriotismo português, cita-se como principal o nome de Mariz, que foi víti-

ma, com outros obreiros, da sua dedicação á Pátria.

A 29 de março de 1809, deliberou o governo português proceder enérgicamente contra os maçons, sendo presos muitos.

No dia 5 de dezembro do mesmo ano, a *Intendência Geral da Polícia* em Lisboa, publicou um edital, que convidava os cidadãos a serem denunciantes de quem fôsse maçon.

No dia 1 de janeiro do mesmo ano de 1809, já o povo de Lisboa se amotinára contra os maçons, tornando-os solidários com jacobinos anti-patriotas.

A corrente anti-maçónica vinha, pois, do alto e alastrava ardentemente na alma do povo português.

Com razão? Sem ela? A maçonaria portuguesa não se entregaria demais á política? Ou as instituições não veriam falsamente inimigos enérgicos, onde estavam simples devaneadores?

Não julgo: faço um rápido relato.

O que sei é que a perseguição produzio dois resultados: um, benéfico para a Maçonaria, porque aumentou o número de associações secretas, e outro, nocivo, porque estabeleceo

entre os obreiros o veneno do partidarismo, que não só fez esquecer o Ritual como o lema principal da Ordem maçónica.

Em setembro de 1810, fez-se nova montaria aos maçons, fugindo uns para terras sertanejas do país, e emigrando outros para Londres, onde fundaram jornais contra o regímem político de Portugal.

A *setembrizada* deu essa propaganda indirecta, principalmente nos Açores, e, em especial, na ilha Terceira.

O regresso da Legião Portuguesa, auxiliar do exército de Napoleão, trouxe, entretanto, fortes elementos maçónicos na oficialidade, que veio eivada de libertarismo e maçonismo, mais ou menos, românticos e sectários.

A 31 de maio de 1817, o governo português iniciou nova perseguição á Maçonaria. Beresford, sentindo-se alvejado pela guerra dos maçons, desta vez exaltados por um grande patriotismo, ferio-os nas pessoas de Gomes Freire, Grão-Mestre do Oriente de Portugal, e doutros, executados a 18 de outubro do citado ano de 1817.

E os governos não descansavam. A 30 de

março de 1818, um alvará veio ameaçar com penas terríveis quem pertencesse á Maçonaria ou a qualquer associação secreta.

Contudo, maçons eram quási todos os que trabalhavam pela causa liberal, Fernandes Tomás, Ferreira Borges, Borges Carneiro, José Liberato Freire de Carvalho, os irmãos Passos. Maçons foram todos os que prepararam o regímen de 1834, desde D. Pedro IV a Mousinho da Silveira, exceptuando-se embora, homens rígidos como Alexandre Herculano.

Enfim, com o triunfo e consolidação do constitucionalismo, raro foi o homem público que não pertencesse á Maçonaria, chegando a dizer-se com insistência que a ela pertencia D. Luís I e que se teria filiado em Londres.

E, desde o reinado de D. Luís, a Maçonaria Portuguesa teve apenas de secreta o bastante para não assistirem ás suas sessões os que não tivessem sido iniciados, conhecendo-se cá fóra perfeitamente o seu Ritual, os nomes dos seus principais membros e até os trabalhos que mais iam influindo na vida política.

O Grão-Mestre Visconde de Ouguela imprimio á Maçonaria um cunho diplomático notável, mas sem que ela perdesse a sua principal preocupação: hostilizar os Jesuitas e Ultramontanos.

Com o Grão-Mestrado de José Elias Garcia, o trabalho político orientou-se estratégicamente a favor do ideal republicano, favorecendo a propaganda da República por meio do jornal, da escola e das conferências, apoderando-se lentamente da administração municipal de Lisboa, excitando com tactica as Lojas dos menos cultos e mais parecidos aos futuros carbonários, dos quais se faziam elementos de desordeira ameaça ao culto externo do catolicismo, aos governos suspeitos de reaccionários, etc. Entretanto a Loja mais poderosa era conservadora, era a de *José Estêvão* e, quando Grão-Mestre o, então, coronel Ferreira de Castro, as Lojas revolucionárias como a *Montanha, Luís de Camões, Pureza, Comércio e Indústria, Elias Garcia, etc.* não imperavam, como pouco depois, parecendo ter secretas inteligências com os carbonários.

O Grão-Mestrado de Bernardino Machado, já encontrou, porêm, o evidente predomínio das ideias republicanas, a hegemonia carboná-

ria, e o de Magalhães Lima, tendo por adjunto
o dr. José de Castro, pouco trabalho teve, e
tem tido, para auxiliar a obra da República.

Contudo, dizem há muito os factos, que o
ideal puramente maçónico, foi muito deprimido
depois do Grão-Mestrado do Visconde de Ou-
guela.

Corre como certo que muito enfraqueceu
o seu espírito de beneficência e que grandes
scisões levaram maçons portugueses a forma-
rem Lojas independentes, chamadas *irregulares*
e até a procurarem trabalhar em sucursais do
Grande Oriente de Espanha.

A êste último facto, atribuem, não sei com
que fundamento, o iberismo federativo de al-
guns nossos políticos, que tomaram parte no
banquete de Badajoz. Por outro lado, parece
positivo que o espírito de justiça e lialdade
sofreu na Maçonaria de Portugal a péssima
influência dos manejos partidários. Mas o que
não oferece dúvida é que o maçon português
começou a praticar o Ritual — escocês ou fran-
cês — sem conhecimento bastante do simbolis-
mo, o que se prova com a abundância de pro-
postas em várias Lojas para êle ser abolido.

Tambem não oferece dúvida que a Maçonaria
Portuguesa, embora sustente os dois Asilos de
S. João, dê pensões a viúvas de maçons, pro-
teja os baptisados Lloyton, etc., está infeliz-
mente longe de manter a beneficência propor-
cional aos tres ou quatro milhares de associa-
dos, que conta em tôdo o país, havendo Lojas
em tôdas as cidades e muitas vilas, Triângulos
em aldeias e até logarejos, enfim uma forte or-
ganização que, contudo, o carbonarismo puro
tem abalado, atraindo a si muitos dos antigos
maçons.

O *Grande Oriente Lusitano Unido* indica
bem a fusão das principais potências maçóni-
cas de Portugal e, já no velho regímen, dispu-
nha de tais fôrças, que obrigava Prelados a
resignar, impedia procissões e construções de
templos, colaborava na emancipação, da escola,
de qualquer ensino religioso, promovia cortejos
cívicos de carácter nítidamente maçónico.

Hoje, enfim, a Maçonaria de Portugal quá-
se pode considerar-se suplantada pelo carbona-
rismo, e a perda do seu cunho esotérico, perda
que há bastantes anos a caracteriza, concorre
também para a depreciar.

Por outro lado, se o antigo lema da Maçonaria está em Portugal como que esquecido, não o substituío, como no Brasil, qualquer coisa de teosófico ou mesmo de simplesmente filosófico.

As agremiações espiritistas, aliás mais empíricas do que scientíficamente disciplinadas e, na sua maior parte, apenas orientadas pelo amor do maravilhoso, não procuram, por forma alguma, o cunho e as regras da Maçonaria.

O *Grande Oriente de Portugal*, na verdade, tem muitas Lojas instaladas no *Grémio Lusitano* de Lisboa, bastantes Lojas no Porto, em Coimbra e, em Braga, na Figueira da Foz, em Aveiro, etc., mas pode considerar-se como uma colectividade mais decorativa do que activa e só com vitalidade nos elementos, que de preferência se entregam á política.

Fala-se, porêm, últimamente num forte movimento a favor da ressurreição do antigo Ritual na sua observância mais constante e inteligente, sendo provável que produza Lojas *irregulares*, constituídas por maçons aborrecidos ou desiludidos com as especulações políticas.

Êsse movimento, apesar de tôdos os optimismos, parece-me condenado a uma obra modesta em excesso.

A Maçonaria Portuguesa, reduzida pelo partidarismo, tem instruido e educado pouco, o que é atestado pela relativa fraqueza das suas obras altruístas.

Além disso, a sociedade de Portugal, latina até á maior superficialidade de conhecimentos, não me parece bom terreno para a propaganda de princípios profundos.

Se assim não fôsse, o grande movimento socialista da Europa teria em Portugal uma representação muito mais sólida e eficaz, o que amorteceria o fácil partidarismo, que explora os princípios da boa solidariedade e o que rejuvenesceria o antigo e útil espírito de classe, longe dos moldes de intolerância e ignorância tão característicos, por infelicidade evidente, dos nossos trabalhos sociais.

De tudo isto, que exponho sem as menores pretensões a infalibilidade no critério, deduzo que, como nunca, seria benemerita em Portugal uma inteligente e profunda corrente teosófica, que imprimisse á nossa Maçonaria o re-

gresso salutar aos seus lemas tradicionais, orientando o ressurgimento espiritualista sem profligar sectáriamente confissões.

Seria êsse um nobre e generoso trabalho, similar ao dos positivistas brasileiros, aos quais se deve, ao menos, a extinção scientífica da questão religiosa, chaga e torpeço, que não tem dificultado a marcha progressiva e deveras libertadora da República do Brasil.

*

E, sentindo não ter dado sôbre a Historia da Maçonaria universal, todos os dados, que seriam precisos para um juízo completo, conclúo aqui o meu desvalioso Prefácio, remetendo o leitor, quanto á essência do espírito maçonico, para as obras do marquês de Saint-Yves d'Alveydre, o espírito que mais me parece ter penetrado a corrente esotérica, fortificada pela orientação de Alberto, o Magno.

Alphun Saïr

«La construction du Temple de Salomon symbolise l'acquisition graduelle de la Sagesse secrète, ou magie, la manière dont la nature spirituelle s'èdifie et se développe au dessus de la nature terrestre, la manifestation dans le monde physique de la puissance et de la splendeur de l'Esprit, par la Sagesse et le genie du Constructeur. Celui-ci, quand il devient adepte, est un roi plus puissant que Salomon; il represente le soleil et la Lumière *même; la lumière du monde réel et subjectif au sein des ténébres de l'univers objectif. C'est là le temple, qui peut être construit sans bruit de marteaux ni d'aucun instrument de fer.»*

MRS. BLAVATSKY. Isis Dévoilée. *vol. II pag. 391.*

Num tumultuar violento, ha longos e dilatados seculos e numa ansia vincada de aspirações frementes, tem-se a humanidade desdobrado através da historia e através do tempo. Do seu passado augusto restam ruinas. E sobre essas ruinas multiseculares argamassadas de lendas e de epopeias vibrantes alicerçaram-se teorias, que iluminando o passado epo-historico do homem dardejaram através da historia da sua evolução ciclica raios de um brilhar intenso, que desanuviando brumas milenarias rasgam visões de aspectos ciclopicos e de panoramas agigantados.

Ha pouco mais de um seculo era teoria dominante que da noite violenta da meia idade a derruir num fragor ruidoso, surgíra o inicio da civilização humana. Até então o mundo antigo perpassára nuns bastidores hieraticos, cimentados na areia oscilante dos seculos, obumbrado de lendas. A teogonia homerica e as le-

gendarias fantasias de Hesiodo, as criações do ciclope de genio, que foi Esquilo, as epicas compilações de Herodoto eram pura lenda. Berço fecundo de aspirações ansiadas, da Helada surgíra a Arte num culto bendito de beleza heroica. Na fuga fugaz e reiterada dos tempos e das coisas, a civilização helenica scindira-se sob o gladio possante da rainha do Lacio. Ao culto da fórma sucedêra o culto do Direito, alçapremado na aspiração primeva do longo digladiar entre o patriciado e a plebe, airada daquele vetusto surgir duma civilização violenta.

Dobaram-se os seculos. Da rialeza á republica patricia fôra um passo que levou ao capitolio do triunfo uma aspiração concreta, que seria um caminho para a Rocha Tarpeia, se a plebe sugestionada não fosse arrebatada pela prepotencia tarquinia. O jogo dos patricios fôra certeiro e audaz e precisamente o *audentes fortuna juvat* radicára-se de vez naquele estuar vibrante da primitividade romana. Formára-se a consciencia colectiva do povo na *Urbs*. A irradiação era a consequencia logica e em redor os povos mais velhos, que os descendentes dos filhos da loba, caem sob o direito da força, protoparente nato da força do direito. Os destinos de um povo rasgam-se paralelamente e proporcionalmente á intensidade dinamica da sua vontade pujante e consciente.

Advieram as guerras fenicias, os Gracos e alfim os triunvíros.

Com o imperio começa o ruir pavoroso e lento da pandemia romana.

O mundo inteiro opresso pelas falanges latinas esbatia-se em estertorada violencia. Eram dois lutadores rugindo num angustiante encontro. E os barbaros vieram. Esta invasão do homem louro do Norte sobre o habitante moreno do Sul é ciclica e fatal. Os barbaros vieram.

Em multidões tumultuarias e ferozes, fizeram repercutir num ecoar fremente o *Hannibal ad portas* dos tempos do terror punico. Scindio-se o imperio atagantado e desolado por uma decadencia ourada. Das ruinas fumegantes e herculeas surgem reinos e imperios, que teem o fugaz viver das sociedades, em grita de aspirações egoistas. O individualismo germanico não se coadunava com o espirito centralizador da energia latina. Teodorico e Carlos Magno engendraram o impossivel. Vem a Meia-Idade, noute longa de mil anos, recortada de fulgurações brilhantes até ao surgir auroral do seculo XVI, em que se rasgou o globo sob as quilhas vitoriosas dos periplos lusitanos. Num restaurar vibrante resurge o direito romano e cae alfim o feudalismo. A graciosa arte do estilo francês abre alas ás inflorescencias rectilineas dos helenos e dos romanos. Arranca-se a vida

ao marmore com o mesmo cinzel de Praxiteles que delineava estatuas imortais e seculos após mede-se o orbe, surge a quimica e desvenda-se o misterio da mecanica celeste.

Assim no-lo afirmam os livros classicos.

E apesar de tudo as grandes conquistas da sciencia não surgem expontaneas e completas num dado cerebro, num dado ciclo, ao menos.

Este exemplo é frisante e concludente. *Natura non facit saltus.* A Historia, essa, como sciencia, é que toma, por vezes, um aspecto hieraticamente dogmatico, que se não enquadra no espirito inquieto dum iconoclasmo actual. Não é tão recente, como é impressão primaria do ensino academico, a sciencia humana. Em tempos remotos longos periplos rasgaram os oceanose caravanas audazes perpassaram continentes.

É licita a exigencia de provas.

Esta afirmação concreta de civilizações vetustas, com as suas organizações empolgantes, de teogonias simbolicas e de amplas sistematizações filosoficas, temo-la feito numa constante insistencia ([1]). Bem é rememora-las. A par delas afirmámos o caracter hieratico, sagrado, dessa sciencia antiga transmitida através de iniciações sigiladas de misterios e de juramentos solénes. Este aspecto iniciatico das sciencias e das religiões antigas penetrou inclusivamente o mistagogismo helenico, o moisaismo hebreu, o arcanismo cristão. ([1])

Evidentemente não saimos do campo das hipoteses emergentes da documentação facilmente constatavel do classicismo antigo. Ora a força intrinseca duma hipotese está na razão directa da sua possivel objectivação historica no campo largo das aspirações da consciencia humana.

Os autores hodiernos da literatura maçonica prendem a origem da Maçonaria á irradiação inglêsa de 1717. Seja dito de forma ultimativa, que prescindimos do *statu quo* das varias scisões mais ou menos regulares das Lojas actuais. ([2]) Ignorâmos teorica ou praticamente

---

([1]) Este problema das civilizações antigas com uma profunda cultura humana foi dilucidado no nosso x.º volume desta colecção, intitulado *Œdipus*. Para ele remetemos o leitor.

([1]) Cf. Edouard Schouré *Les Grands Initiés* Rudolf Steiner *Le Mystère Chretien et les Mystères Antiques*. Annie W. Besant *Le Christianisme Esoterique ou les Mystères Mineurs*.

([2]) A tendencia para a *Construção do Templo á Sabedoria Divina* num sentido isoterico tem reaparecido através dos tempos. A actividade de Fausto Socino (1579) não tinha outro fim.

o que elas sejam mas neste ***maremagnum*** de desvairadas cousas, é licita a intromissão de profanos tanto mais que, evidentemente, os arquivos maçonicos não conteem o monopolio da sua historia.

Não será ousadia desmarcada desesperar de uma resposta aberta dos proprios elementos cultos dentre os Ir.·. Barricadados no segredo maçonico são, na maioria, impenetraveis. Sabemos todos o que quase sempre significa o segredo maçonico.

E apesar de tudo é um campo lato e interessante para a investigação erudita, descortinar hipoteses viaveis, quanto á origem da propria Maçonaria. [1]

Cf. Reghellini da Schio. *La Maçonnerie considérée le résultat des Religions Egyptienne, Juive et Chrétienne.* vol. III pag. 66.

Notemos, de passagem, o mais antigo documento de que ha memoria a respeito da existencia da palavra «Maçonaria». Terá talvês um simples valor filologico e é citado por Merzario *I Maestri Comacini* p. 288: «Na obra *Historiæ Patræ Monumenta* encontra-se citado um acto notariado feito em Gravedono, perto do lago Como, segundo o qual um certo *Petelpertus de Graveduna* vende a um certo *Alloni*, do mesmo logar de Clure, *de oedem loco de Clure*, propriedades pertencentes a uma *Casa Maçonica* (sic): *«Vendo... mea portio de accessa tam in monte quam in planis, tam de poria* (?) *quam et de solivo* (?) *qui pertinet de Casa Maçonica.* (sic).»

[1] A Ordem dos Cavaleiros do Templo foi institui-

*

* *

Tem ela uma origem simplesmente kabalista? É um produto do baconismo inglês, filho dilecto da *«Atlantis Nova»*?

---

da, quando das Cruzadas. Em 1118 nove cavaleiros valentes e piedosos, fundaram uma associação simultaneamente monastica e guerreira; tomaram como padroeira a Doce Mãe de Deus e comprometeram-se a viver conforme a regra de Santo Agostinho, jurando consagrar as suas armas, as suas forças e as suas vidas em defesa dos Misterios da Fé cristã, a votar ao Grão-Mestre uma obediencia absoluta, a afrontar os perigos do mar e da guerra sempre que, para tal, recebessem ordem e por amôr de Cristo; finalmente a nunca baterem em retirada mesmo que tivessem que lutar a sós, contra tres infieis. Pronunciavam igualmente votos de castidade e de pobreza, prometiam não passar para uma ordem diferente e não entregar ao inimigo um pano de muralha, um só pedaço de terra.

Sem ligar demasiada importancia a confissões arrancadas pela tortura nem ás denuncias inspiradas pelo rancor, a cupidez e o servilismo, é evidente que a Regra e a doutrina dos Templarios apresentavam uma doçura e um caracter particulares, absolutamente diferentes dos estatutos, das opiniões e das cerimonias das outras associações religiosas e militares.

A sua permanencia prolongada no Oriente, naquela perigosa Palestina cheia de gregos scismaticos e de here-

É oriunda de frades medievais?
Era de um nacionalismo restritivo, tornada internacionalista pela comunidade de aspirações fraternais e supremas de ascese moral?
Quantas correntes de opinião se hão for-

---

ticos, a sua rivalidade com os Hospitalarios, o seu contacto com o elemento sarraceno, todas estas influencias e muitas outras ainda deviam reagir sobre esta instituição duma maneira inesperada, fazer-lhe surgir novas tendencias, leva-la, numa palavra, a ideias e a praticas absolutamente discordantes senão completamente opostas, ao pensamento ortodoxo, que fôra a origem e a força da confraria militar.

O seu proprio nome parece denotar um caracter ambicioso e cruel. *Templo* é uma denominação mais augusta, mais vasta e mais geral do que *Igreja*.

Foi esta religião do espirito, que os Templarios receberam dos maniqueus, dos albigenses e da cavalaria sectaria, que os precedeu. O modo de iniciação, a sua historia, o proprio processo, mostram que nas doutrinas do Templo a religião do espirito ocupava o primeiro logar nas doutrinas secretas do Templo.

Os Templarios tiraram uma grande parte das suas tendencias sectarias e heterodoxas ao ultimo ciclo epico da idade media, àquele periodo em que a cavalaria, purificada e organizada se tornou uma peregrinação votada à demanda do Santo Graal, à taça mistica, que continha o Sangue de Cristo, em que o Oriente por invasões armadas e pacificas, pela sciencia dos Arabes, pela poesia e pelas heresias, se tinha lançado sobre o Ocidente.»

Cf. Heckethorn *Secret Societies of all Ages and Countries*. p. 162 e seg.

mado em torno das suas origens e da sua acção!

Entre nós está feita a sua historia profana. Vejamo-la sucintamente.

A indole deste livro é perfeitamente informada de um espirito de comentario sereno a uma instituição, que pela sua duração historica e pela sua acção social se nos apresenta como passivel de uma analise livre e despida de preconceitos. Muito se tem escrito àcêrca da Maçonaria, em geral num formidando exagero. Nem mesmo queremos abordar o problema encarando-a pelos seus beneficios ou pelos seus perigos temerosos. A Maçonaria é um facto social e facto, que tem a sua historia e não ha razão plausivel para a vincular em inicios mais que duvidosos, em certas sociedades medievais de execranda memoria. [1] Não é fóra de pro-

---

[1] «Sous les premiers rois de France, enchanteurs et sorcières pullulent. Il n'est bruit que de nécromans pour offrir l'hospitalité de leur corps au diable, que de clercs pour exorciser le diable, que de bourreaux pour brûler ou pendre les nécromans. C'est spécialement en l'honneur des sorciers que Charlemagne institue, sous le nom de Sainte-Vehme (772) cette formidable société secrète, qui, sanctionée à nouveau par le roi Robert (1404) terrorisa plus de trente générations. D'abord en Westphalie, puis dans toute l'Europe Centrale, les tribunaux de francs juges ne tardent pas à se multiplier. Les

posito pois, abrir uma excepção pequena, para o que ela tem sido em Portugal. Não abordarêmos muitos documentos porque não seria facil faze-lo de forma ultimativa. O proprio autor d'*A Historia da Maçonaria em Portugal*, sr. M. Borges Grainha declara que simplesmente *um acaso fez que encontrasse uma serie*

arréts se prononcent en des inaccessibles cavernes ou, par des chemins détournés, le prévenu est conduit, les yeux bandés et la tête nue. Pas de sentence intermédiaire entre la mort et l'acquittement, avec ou sans réprimande... Comme aussi manants et seigneurs tremblent de lire sur leur porte, un matin, l'ordre de comparaître, clouée dun coup de poignard! Malheur vraiment à qui n'obéit pas à la citation des francs juges! Fût il cardinal ou prince de sang, fût-il empereur d'Allemagne il n'eludera point l'arrêt de mort prononcé par defaut et sera frappé tôt ou tard. Le trait suivant fera voir la vengeance occulte attachée aux pas du contumace—toujours patiente car elle est assurée: — «Le duc Frédéric de Bruswick, qui fut impereur un instant, avait refusé de se rendre a une citation des francs juges; il ne sortait plus qu'armé de toutes pièces et entouré de gardes. Mais un jour, il s'ecarta un peu de sa suite et eut besoin de se débarrasser d'une partie de son armure; on ne le vit point revenir. Les gardes entrèrent dans le petit bois ou le duc avait voulut être seul un instant; le malheureux expirait ayant dans ses reins le poignard de la Sainte-Vehme et la sentence pendue au poignard. On regarda de tous côtés et l'on vit un homme masqué qui se retirait d'un pas soulennel; personne n'osa le poursuivre.»

de livros, que até esse momento lhe eram desconhecidos, dos quais lhe surgiu palpitante a vida da Maçonaria em Portugal desde o meado do seculo 18.

O sr. M. Borges Grainha podia indubitavelmente apresentar documentação muito maior mesmo a que aquele acaso lhe não porporcionou porquanto a historia da Maçonaria em

...Cependant, sans nul souci de semer la crainte ou la stupeur, dédaignant, quand ils le pouvaient sans danger, tout le luxe de mise en scene, les vrais initiés se réunissaient aussi et la grande Isis siégeait au milieu d'eux. Des associations hermétiques s'etaient fondées, qui devaient á des rubriques d'emprunt le privilége d'une sécurité relative.

Pour memoire, nous citerons *l'Ordre des Templiers* (nul n'en ignore l'origine et la fin tragique); les confréries de *Rose-Croix* et de *Philosophes Inconnus*, de qui l'histoire en revanche, ne dit que peu de chose; et la *Franc-Maçonnerie occulte*, prolongement plus ou moins direct de l'Ordre du Temple et dont Jacques de Molay posa, dit on, les premières assises avant de monter au bûcher.

Mais la moderne franc-maçonnerie rêve de quelque Ashmole en delire, tige bâtarde et mal greffée sur l'ancienne souche, n'est plus consciente de ses moindres mystères; les vieux symboles, qu'elle révère et transmet avec une pieuse rotine, sont devenus lettre morte pour elle; *c'est une langue dont elle a perdu l'alphabet*, en sorte que ses affidés ne soupçonnent pas plus, d'où ils viennent qu'ils ne savent où ils vont».

V. Stanislas de Guaita, preface de Maurice Barrés. *Au Seuil du Mystère* p. 85 e seg. (Paris 1915.)

Portugal, julgâmos nós, não ficou ultimada por s. ex.ª, apesar do seu livro ter varias edições. Não a faremos nós tambem. Todavia, bem era que se inquirisse se a tendencia para um secretismo liberalista, era antiga em Portugal e se ele se poderia considerar um explendido campo de cultura para as Lojas inglesas, implantadas entre nós. O saudoso erudito portuense José Pereira de Sampaio abordou o problema, incompletamente por mal de todos. Alem disso bem era inquirir-se se simplesmente a Maçonaria vigorou entre nós, como sociedade secreta (alêm da São Miguel da Ala e da carbonaria). Os neo-templarios deviam ter proselitos em Portugal (1). Lastimâmos que

(1) «A atenção publica tinha sido poderosamente chamada pelo sr. Raynouard para o atinente á celebre Ordem dos Templarios; e, crendo-se geralmente que os templarios haviam sido inteiramente aniquilados, varios sabios lhe buscaram, todavia, sucessores em sociedades secretas, que não são nem confessas pela Igreja, nem reconhecidas pelo Estado. «Coisa alguma provaria melhor hoje a justiça da sua catastrofe — o abade Correia da Serra, o aventa — do que o mostrar que eles continuaram a sua associação sob fórmas que, por indiferente que o seu fito possa parecer, teem sempre a aparencia faciosa. Felizmente para a sua memoria as pessoas sensatas sabem a ideia, que devem fazer dessas filiações quimericas.»

Serão elas tão quimericas como o abade Correia da Serra se compraz em assegurar que elas o sejão?

s. ex.ª não diga uma palavra de Pascoal Martins nem de fórmas modernas maçónicas, aparentemente, ao menos, por simples facto talvês

Esses pretensos sucessores, dos Templarios serão tão ilegitimos, consoante no-los indigitam?

E os mesmos Templarios seriam os extremes inocentes quais a piedade suscitada por seu infortunio horrendo á moderna idade naturalmente os mostrou?

Por enquanto de tudo isto nada com segurança se ensina.

Ensinado é que o mundo cristão manifestára o mais vivo jubilo á noticia das resoluções tomadas por Hugues de Payen e Godefroy de Saint-Aldemer, os quais prestaram, entre as mãos de Estevam, Patriarca de Jerusalem, além dos votos ordinarios dos regulares (voto de pobreza, voto de castidade, voto de obediencia) ainda o de proteger os peregrinos. Durante dez anos, viveram segundo as suas proprias leis, vestidos e nutridos pela caridade cristã; mas convencido de que, a despeito do favor popular, não poderia subsistir dessa maneira com a sua confraria, Hugo fez um apelo ao papa Honorio II, que, a suas instancias, reuniu o concilio de Troyes (1128). O Grão-Mestre e seis cavaleiros compareceram perante os mais altos dignitarios da Igreja, sob os trapos da miseria e desde então se lhes chamou, os *Pobres Cavaleiros do Templo*. Advirta-se que a propria Regra lhes dá o nome de «Pauperes Commilitones *Christi* Templique Salomoniaci.»

Ora a quando da catastrofe, o autor do «*Ensaio sobre a Ordem dos Templarios*», publicado em Leipsig, em 1779, nota que com as propriedades Templarias, Fernando IV de Castela arredondou os seus dominios e Dinis de Portugal fundou a Ordem de Cristo.

de não terem aliança com o Gremio Lusitano.

Mas s. ex.ª faz uma historia muito sucinta e externa da Maçonaria em Portugal.

De facto nas conspirações de 1817, 1820,

Este «*Ensaio*» foi, do original alemão, traduzido para francês por Edouard Frayssinet, que dedicou a sua versão ao Conde Augusto Van der Meere e de Cruyshauthem, general de brigada; ela se imprimiu na casa de Mortier Frères, de Bruxellas, em 1840. Vem o «*Ensaio*» seguido de «algumas observações sobre essa obra e sobre diversas asserções dos snrs. Dubreuil e Reghellini (de Schio), nas suas publicações maçonicas em 1838, 1839 e 1840, por um Membro da Ordem».

Esse membro da Ordem começa as suas observações por declarar que a tradução dada ao publico pelo «jovem sabio filologo» Edouard Frayssinet lhe parecêra inteiramente conforme à edição publicada em Leipzig, no ano gregoriano de 1779 em o formato in-16.

Após o que exara, que essa publicação sae dos prelos da *Ordem do Templo* e aparece sob as suas insignias e sob os auspicios d'um dos seus nobres Oficiais Generais. Assim os numerosos membros da *Ordem do Templo* e as casas que esse Instituto celebre possue ainda em muitas linguas o haveriam de acolher, por certo, com prazer e reconhecimento. Tanto mais que, de per si, esse documento possue relevante importancia, *sobretudo pela sua concordancia com Ferreira, historiador português do Templo, cuja tradução, quiçá prestes aparecerá.*

O italico pertence á propria publicação belga; mas a tradução aí anunciada cuido que não chegou a vir a lume. Quanto ao «Ferreira, historiador português do Templo» é seguramente o nosso portuense Alexandre Ferreira, doutor em Direito Civil pela Univ. de Coimbra,

1833, 1836, 1842, 1846, 1851, 1861, 1891 e na implantação da Republica, a Maçonaria teve influencia decisiva e os homens politicos actuais de maior destaque como os primaciais dessas

---

desembargador da Relação do Porto e da casa da Suplicação de Lisboa, Deputado da Mesa da Consciencia e Ordens, secretário de Embaixada à côrte de Madrid, academico da Acad. R. da Historia Portuguesa, etc., o qual escreveu a obra seguinte: *Suplemento Historico ou Memorias e Noticias da celebre Ordem dos Templarios, para a historia da admiravel Ordem de N. S. Jesus-Cristo. Parte I. Tomo I.* Lisboa. Por José Antonio da Silva 1735. 4.º gr. de XI-718 pags., com um frontispicio gravado, conforme os que trazem todas as obras publicadas pela Academia de Historia e mais outra estampa, que representa um Cavaleiro Templario propriamente vestido.— Tomo II, ibi, pelo mesmo impressor, 1735. IV gr. Nele prossegue a paginação desde 719 até 1157.

A continuação desta obra (repare-se) achando-se já impressa, em parte, foi mandada suspender por ordem da Academia.

Diz Inocencio: «Os motivos da supressão não chegaram ainda ao meu conhecimento.» Pouquissimos exemplares escaparam das folhas impressas, cuja numeração chega da pag. 1 a 504. Refere Inocencio que um curioso, possuidor de um deles mandou estampar-lhe impressa uma folha de rosto com o titulo seguinte: «*Historia das Ordens Militares, que houve no Reino de Portugal, escrita pelo Dr. Alexandre Ferreira, Deputado da Mesa da Consciencia e Ordens e Academico Rial, cuja impressão se suspendeu por ordem da mesma Academia. 4.º gr.* Trata das Ordens de S. Miguel da Ala, da Espada de S. Tiago em Fez, dos Namorados, da Madre-Silva e

revoltas conheciam a *Acacia* e não seria muito dificil fazer e documentar afirmação paralela em todas as revoluções liberais desde o seculo XVIII, prova de que a Maçonaria se tornou numa respeitavel força politica.

---

da Seta de S. Sebastião». Continúa Inocencio sua informação assim: «Ha (1858) na livraria do Arquivo Nacional um exemplar deste volume; diz-se que tem outro o sr. Conselheiro Macedo e tambem havia terceiro na Livraria do Advogado Abranches, que deverá ter passado com a melhor parte d'ela, para o falecido Joaquim Pereira da Costa, por compra feita no espolio do mesmo advogado.» Inocencio remata: «É obra mais que rara, e, ao que parece, desconhecida de Barbosa e do compilador do *catalogo* da Academia, que nem um nem outro a mencionaram.»

Ora, replicando a Reghellini (de Schio) o autor das observações ao trabalho de Edouard Frayssinet escreve por este (para nos-outros, portuguêses e brasileiros) a trechos mui interessante teor, nas pags. 125-126 do raro opusculo citado: «O rei Dionisio de Portugal, julgando necessario conservar no meio-dia da Europa uma instituição cavaleiresca tão util á Cristandade como o era a *Ordem do Templo*, reuniu, após 1313, os cavaleiros do *Templo*, pertencentes aos reinos de Portugal e dos Algarves, nos quais se ajuntaram alguns Cavaleiros espanhois, e com eles formou a *Ordem de Cristo*. Esta nova Ordem de Cavalaria outra coisa não é, do que a Ordem do Templo: O Habito, a Regra, a Comenda, o Instituto são os mesmos e os Arquivos da Ordem de Cristo, em Tomar, conteem ainda abundante copia de documentos *templarios* autenticos e curiosos.

Quanto á sua origem, o ilustre I.·., adstringe-a ao seu primeiro documento basico o *Livro das Constituições da Grande Loja de Inglaterra*, obra de Andreson (Londres, 1723). Em breve a Maçonaria tornou-se ateia apesar das suas manifestações intimas de um teismo abstruso. Facil é compreênder porque a Igreja Catolica a profligou *in limine*. (Constituição Apostolica *In Emminenti* de 27 de Abril de 1738 de Clemente XII, a de Bento XIV *In Provida* de 18 de

---

A *Ordem do Templo* sempre reconheceu os Cavaleiros de Cristo *não como a propria Ordem mas como um ramo legitimo da Ordem* e os Estatutos gerais de DLXXXVI não exigem mais, do que uma simples formalidade ou declaração para regularizar esses cavaleiros e admiti-los no *Templo*. De 1808 a 1813 grande numero de oficiais generais, superiores e outros, da brava legião portuguêsa, ao serviço da França, pertencendo á Ordem de Cristo e ás primeiras familias de Portugal (entre outros o general Gomes Freire, o visconde da Asseca, o Cavalheiro de Silva, os coroneis Andrade, Pereira, etc, etc.), obtiveram a sua regularização na *Ordem do Templo* e, ao invez, muitos membros da *Ordem do Templo* receberam e usam, hoje em dia, as insignias da *Ordem de Cristo* da qual os Reis e Rainhas de Portugal sempre se gloriaram, desde o seculo XIV, de se dizerem Chefes e Grão-Mestres. O Imperador do Brasil D. Pedro I havia pedido e obtido na sua qualidade de Cavaleiro de Cristo usar das insignias da *Ordem do Templo* pela qual toda a vida mostrou um grande zelo.»

José Pereira de Sampaio Aguia (1915.) pags. 132 e seg.

Maio de 1751 e outras até Leão XIII, anatematizando todos os franc maçons.)

*

* *

Sociedade secreta a Franco Maçonaria não pode eximir-se a suspeições violentas, algumas adredemente forjadas pelos seus inimigos de sempre, outras suscitada pela sua acção no mundo profano ([1]).

E por isso a Maçonaria é uma sociedade internacionalizada com o fim exclusivo de eliminar do mundo as normas basilares da Igreja Catolica ou uma sociedade meramente politica, que se afirma forte e secretamente homogeneizada no mundo profano mormente em crises demolidoras e progressivas.

Para muitos a Maçonaria é uma instituição de beneficencia irmanando proselitos e vulgarizando a instrução, etc. Veem nela outros a

([1]) Cf. Argus *A Maçonaria em Portugal*. Nemo *A Doutrina Maçonica*. *La Revue Anti-Maçonique* Paris. Rue de l'Odeon 5. Flavien Breunier *Les juifs et le Talmud*. Don Paul Benoit *La Franc-Maçonnerie*. Todos estes trabalhos são adversos á Franc-Maçonaria.

filha proteica de um astuto escritor filosofo e politico inglês, filha que ultrapassou extremamente no seu cunho social e politico, o atavismo violento do seu proto-parente.

Alguns historiadores e não poucos julgam-na a sucedanea directa de Iluminados medievais e a superstite hodierna das antigas Iniciações orientais, vetustas de seculos.

Muitos adscrevem-lhe uma origem puramente judaica, kabalista.

E neste mar intermino de hipoteses em que não assentam alguns dogmatizantes criticos maçons não iremos nós alem da afirmação rudimentar de que a Franco-Maçonaria existe e que um aspecto filosofico se desdobra de um Ritual que poucos respeitam, muitos toleram e de que a maioria complacentemente sorri.

Ora desse Ritual, oficialmente vulgarizado e notorio hoje, coleia uma sciencia relativamente secreta de que a autentica Maçonaria deveria ser a legal interprete e detentora.

Falámos de *autentica Maçonaria* e a adjectivação, aparentemente banal, suscita-nos o problema primario da *Regularidade* Maçonica.

É seguramente a mais candente questão na historia da Maçonaria, esta da regularidade ou irregularidade das Lojas.

Á mais pequena dissidencia os orientes cla-

mam a irregularidade com o zelo violento dos anatematizantes. Esta questão foi um dia dilucidada a meio de um desapontamento flagrante. Apliquemos ó caso. As Maçonarias portuguesa e brasileira, são oriundas directas das quatro Lojas, que em 1717 se formaram em Londres. Quase todos os orientes conhecidos se vangloriam da mesma prosapia ilustre. Até 1717 *tabula rasa* absoluta de ideal maçonico e a documentação coeva de então constitue hoje ainda os pergaminhos do autentico patriciado maçonico.

Ora em 1908 reunia-se em Paris um congresso maçonico com boa representação do estranjeiro [1]. Outra vez ainda o grande oriente de França clamou oficialmente a irregularidade.

[1] Além das delegações e de catorze potencias, que por deliberação especial não se tornaram conhecidas compareceram a esse congresso 1.º — O Grande Oriente e Soberano Santuario 33.º do Imperio da Alemanha; 2.º — A Maçonaria Arabe «Os filhos de Ismael; 3.º — O Supremo Conselho Universal de Maçonaria Mista; 4.º — A Grande Loja Simbolica Espanhola (Rito Nacional Espanhol); 5.º — O Soberano Grande Conselho Nacional Iberico; 6.º — O Rito Antigo e Primitivo da Maçonaria (Inglaterra e Irlanda); 7.º — A Grande Loja Swedenborgiana de Inglaterra; 8.º — A Grande Delegação Portuguêsa do Rito Nacional Espanhol; 9.º — A Grande Loja de Cabo-Verde; 10.º — O Rito Azul da Republica Argentina; 11.º — A Grande Loja dos Maçons Antigos e Aceitos do Estado de Ohio; 12.º — A Grande Loja São João dos Franc-Maçons Antigos e Aceitos do Estado de Massachusetts; 13.º — A Grande Loja Provincial da Alemanha do Rito Swedenborgiano; 14.º — A Grande Loja Swedenborgiana de França; 15.º — O Supremo Conselho 33.º do Mexico; 16.º — O Supremo Conselho da Ordem Maçonica Oriental de Misraïm e do Egipto, para a Italia; 17.º — A Ordem dos Iluminados da Alemanha; 18.º — A Ordem dos Rosa † Cruzes esotericos; 19.º — A Ordem Martinista; 20.º — A Ordem Kabalistica da Rosa † Cruz.

Dessa vez a resposta explodio violenta. O ilustre Dr. Dettrè (I.·. Teder) actual Grão-Mestre da *Ordem Martinista* historiou a traços rapidos mas vigorosos a evolução da Franco-Maçonaria da Europa.

Segundo ele a Maçonaria era oriunda da vetusta seita hebraica dos Essenios, sendo introduzida na Europa pelos monges medievais ao serviço dos bispos de Roma; e desde os seus obumbrados inicios até Jaime I da Inglaterra, a Maçonaria inglesa fôra sempre catolica-romana e os seus grão-mestres, eleitos dentre a corte, a nobreza ou a prelatura.

Nisto ficára o autor em estudos anteriores propondo-se examinar a natureza, a atitude e o objecto da Maçonaria durante o reinado dos Stuarts, de Jaime I até à queda de Jaime II (1688-90), epoca em que a Maçonaria *Antiga*

anglo-escocesa fôra realmente introduzida em França.

Todavia, mercê das circunstancias, apressou-se a declarar que apesar do nascimento da Maçonaria especial, de Guilherme de Orange em 1694, a antiga maçonaria britanica conservou os seus antigos Estatutos sob os reis protestantes e manteve-se catolica-romana como fazem fé documentos preciosos, que escaparam á fobia destrutiva dos inovadores da maçonaria *moderna* de 1717.

Ora esta Maçonaria de 1717 seria *profundamente irregular* [1].

[1] O I.·. Teder dá as razões: «La France et l'Angleterre sortaient de se faire la guerre. Le 4 Janvier 1717, un traité fut passé entre ces puissances; on expulserait de France le Prétendant, fils de Jacques II, ainsi que ses partisans, ils furent tous expulsés; la succession à la couronne de Angleterre serait reconnue par la France dans la lignée protestante usurpatrice; cela fut fait. Par dessus le marché, le Duc Philippe d'Orléans, Regent du Royaume, á qui Georges 1.er *promettait* d'empêcher les Bourbons d'Espagne de régner en France si Louis XV enfant venait à mourir, s'engagea à faire démolir le port de guerre de Dunquerque.

Eh bien. Un mois après ce traité, si l'on se rapporte aux auteurs maçonniques les mieux acredités, *quatre Loges de Londres, se détachant de l'ancienne Maçonnerie Anglaise, fondaient ce qu'on a appellé la Grande Loge de Angleterre.*

Or, les membres de ces Loges devaient être forcément des Maçons, et ces Maçons, lors de leur initiation, avaient dû se conformer aux *anciens* Statuts et jurer fidélité a *Dieu*, au *Roi* et à *la Sainte Eglise*. Par conséquent, en violant les *anciens* Statuts, ils devinrent rebelles et parjures, et, en fondant leur Grande Loge, ils constituèrent parfaitement, aux yeux de *l'Ancienne* Maçonnerie, un *corps irregulier au premier chef*».

I.·. Teder *Compte-Rendu du Congress*. 1908.

Acresce ainda que a obnubilar essas origens ha muitas suspeições extraordinarias. Assim em 1720, queimaram todos os documentos, que puderam e respeitavam á *Maçonaria Antiga*. Só em 1723 a *Grande Loja de Londres* começou a sua documentação ocultando a historia dos seus inicios mas referindo-se aos *Antigos* Deveres, Regulamentos Gerais, etc. da «Antiquissima e Honorabilissima Fraternidade,» *tirados dos seus arquivos gerais e das suas fieis tradições, de muitos seculos.* Ora qual foi o autor desta «rapsodia» desta «jonglerie» como a denominou Lenning? O dr. G. Andreson, *clergyman* presbiteriano, que foi iniciado na Maçonaria em 1721 depois do celebre auto de fé dos documentos em 1720.

Ora precisamente o inicio da Maçonaria ou da maioria das Lojas e Grandes Orientes actuais é esse ciclo de seis anos desconhecido, que vai desde 1717 a 1723 em que em quatro Lojas, sem numeros, sem nomes conhecidos e

numa data desconhecida Anthony Sayer foi eleito *Grão Mestre dos Maçons* e Jacob Lamball e o capitão Joseph Elliot foram eleitos *Vigilantes*. E assim começou a Maçonaria de 1717, a *Grande Loja de Inglaterra*, ao serviço de Jorge I.

A Maçonaria portuguêsa será um ramo desta? Só os arquivos o dirão. Na hipotese afirmativa quase seria caso de dizer dela o que o Ir∴ Gould na sua *History of Freemasonry* dizia do Grande Oriente Francês, depois dum intenso debate: «A Maçonaria francesa não existe; o que dela resta é falso, irregular e ilegitimo».

*

* *

Posto isto, indispensavel num estudo corrente e ao sabor deste, facil será deduzir que a sciencia maçonica se deduz:

Dos Simbolos, Algarismos e Numeros Simbolicos, do Ternario, Quaternario, Setenario, etc.

Das Figuras, Triangulos, da Estrela Flamejante (Pentagrama) do *Signum Salomonis* (Hexagrama) e o do Quadro das *Lojas*.

Das Lendas de Hirão, de Salomão, Inri, da historia de J. — B. Molay.

Dos utensilios: Malhete, Nivel, Regua, Esquadro, Compasso, Pedra cubica, Espadas, Punhais, etc.

Das palavras de Passe, hebraicas e latinas ou na lingua profana do iniciado.

Nos Sinais e Toques de cada grau.

Nas joias e nas bandeiras.

Na linguagem escrita com caracteres secretos, conforme os graus.

Na maioria das Lojas, na actualidade, tudo isto tem um valor meramente tradicional e existe com um aparato teatralmente grotesco.

Compreënde-se. A maçonaria sofre, como tudo, a influencia do seu ambiente social e historico. Se ela se adapta e se interpenetra das lutas partidarias do mundo profano temo-la mola oculta de revoltas e de aspirações facciosas e o simbolismo é... mera superstição arcaica.

Ora as grandes oscilações violentas na historia desde a sua formação *moderna* até nós, foram — quantas vezes! — urdidas nos templos dos F∴ da V∴?

De tempos a tempos a filosofia maçonica adapta-se e hierarquiza-se. Altera-se e deforma-se, dizem os simplistas. E temos o sistema

escocês *(escocês,* porque motivo?) a que se prendem directamente:

O *Rito Escocês Antigo e Aceito de Morin* reformado por Pike.

O *Rito Escocês Antigo e Aceito de Cerneau.*

O *Rito Primitivo e Original da Franco-Maçonaria,* etc.

«A restauração da antiga Gnose tem por objecto a vasta sintese de principios, que formava a base dos *Misterios Antigos* como fórma a do Cristianismo. A *Gnose* é esta sciencia ou doutrina secreta relativa á alma e origem humanas e que remonta à mais recondita antiguidade, que recebeu o veu das parabolas e das alegorias, das cerimonias e das fórmas, tradições e denominações diversas. Teve origem no Oriente; estabeleceu-se em Efeso, que se tornou o centro das doutrinas secretas da Persia e da India e cujo apogeu foi marcado pelo culto de Diana; deu origem ás seitas maniqueia e gnostica para ser alfim reencontrada, sob a sua fórma perfeita, pela Rosa ✝ Cruz [1].

---

[1] «A *Rosa* é igualmente um simbolo mistico. Na Antiguidade era dedicada a Venus, simbolizando o segredo e a imortalidade».

Mackenzie. *The Royal Masonic Encyclopædia.*

A *palma, a palmeira, a fenix* (e notemos que tecnologicamente a palmeira é a *Phœnix dactilifera)* desempenham em todos os simbolismos rosicrucianos, maçoni-

Temos a convicção de que Bacon, profundamente versado nesta doutrina, procurava dar-lhe uma fórma, que as gerações futuras herdariam e a *fazer passar* segundo a sua expressão, a *lampada à posteridade,* isto é, a transmitir certos ensinamentos ocultos que, por sua vez, grandes poetas como Dante, Vergilio e Homero incorporaram nas suas obras. O lei-

---

cos e hermeticos, um grande papel, como simbolo da imortalidade. A lenda atribue-lhes, á arvore e á ave, qualidades impereciveis de vitalidade. A arvore ressurge das cinzas (Plinius Secundus *Historia Naturalis)* e a ave ao morrer no seu ninho *tremulae in cacumine palmae* faz nascer uma nova fenix. (P. Ovidius Naso *Metamorphosis* L. XV, 392 e seg.)

Não é para extranhar pois que o proprio Francisco Bacon (Lord Verulam) lhe aproveitasse o simbolismo e ele sabia a que se ater pois era Rosa ✝ Cruz *(Atlantis Nova).* No simbolismo cristão ela é o simbolo da Vida. Em folhas de palmeira *In foliis palmarum Sybillam scribere Varro testatur.* No livro dos Reis, no Cantico dos Canticos, nos Salmos, no Apocalipse as alusões são constantes.

«A forma do crescimento da *Phœnix dactifera* basta para explicar a origem de tal criterio interpretativo. Todos os anos, novos ramos se erguem do centro da arvore e os velhos ramos, morrendo, formam a casca. Esta particularidade notavel disperta a ideia de uma morte e dum renascer constantes».

Cf. Wigston *Bacon, Shakespeare and the Rosicrucians.* Jennings *The Rosicrucians, their Rites and Mysteries.*

tor encontrará no Sexto Livro da *Eneida* de Vergilio a prova do que afirmo, isto é, uma historia da iniciação aos Misterios de Eleusis e da filosofia, que aí se ensinava. Tudo isto constituia uma especie de franco-maçonaria antiga. Lord Bacon foi, de certo modo, o Platão do mundo moderno encarregado de dirigir à humanidade uma mensagem formidavel, que, aliás, não poude fazer compreênder aos seus contemporaneos.

«A Arte baconiana floresce na mesma haste que a arte de Dante, o *Roman de la Rose* de Jean de Meung, a *Rosa Mystica* de Nicolas Flamel com tudo o que estas obras conteem, isto é, uma filosofia sublime e um simbolismo oculto (conhecidos dos *Cavaleiros do Templo*, de *S. João* e *de Rodes)* apresentando doutrinas gnosticas extremamente antigas e de um interesse absorvente».

Bacon começa o sexto livro do *De Augmentis* (obra onde fala da tradição ou transmissão da sciencia oculta) por uma alusão a certas obras de Rabelais [1].

A par destes, as infiltrações do *Alto Tradicionalismo* ocasionaram o aparecimento de ritos hermetistas como os de *Misraïm* e de *Memfis* (90 ou 96 graus), o *Swedenborgiano*, os *Iluminados Cristãos*, os *Martinistas*, a *Ordem Reformada dos Rosa Cruzes* e outros.

[1] Os estudos *utopistas* de Rabelais, de Sir Tomas More, de Bacon dão bem a impressão de que existia entre estes autores uma filiação intelectual e *puramente maçonica*.
Wigston *The Columbus of Litterature*. pp. 24 e seg.

Muitos destes agrupamentos excomungam-se mutuamente, clamando a sua irregularidade mutua. O caso não nos interessa e o facto é simplesmente afirmativo de que o simbolismo maçonico, puramente iniciatico, tem detentores que o estudam e que o consideram de um valor soberano na historia evolutiva do tradicionalismo hermetico.

*

* *

Muitas das sociedades secretas medievais, simplesmente foram reviviscencias parceladas:

Arnaldo de Vilanova fazia parte de uma seita pitagorica, que se alastrou na Toscana. (Brucker *Historia critica philosophiæ*. Ozanam *Dante e la Filosofia cattolica)* mencionam uma seita epicurista em 1115.

Em 1498 estabeleceu-se em Florença uma ordem mistica os *Fratres Lucis*, muito perseguida pela Inquisição (Mackenzie *o. c.*).

Em 1694 Augustino Gabrino fundou em Brescia uma sociedade secreta. (Reghellini da Schio. *o. c.*)

Em Florença houve tambem a *Accademia del Piano* com simbolos esotericos (G. de Castro. *Fratellanze secrete*, p. 461).

«Está provado que em 1275 o imperador Rodolfo autorizou uma ordem de maçons. Na Alemanha a primeira ordem maçonica foi constituida em 1397, a seguir apareceram «*As Testemunhas de Viena*» em 1412, em 1430, em 1435; depois a *Ordem das Lojas de Estrasburgo* em 1495 e a de *Thorgan* em 1462; por fim dezasseis diferentes Ordens até 1500 e nos seculos seguintes Ordens em Espira, em Ratisbona, Saxe-Altenburg, Estrasburgo, Viena e no Tirol».

Cf. Abafi *Geschichte der Freimaurerei in Oesterrich-Urgarn* pp. 8, 13. (Budapest 1890.)

Hiram

Através de empolgantes vicissitudes historicas afirmou-se um povo intensamente soberano na antiguidade oriental. Chamaram-lhe «Fenicios», os *vermelhos*, da invenção artistica da côr purpurea com que inundaram o mundo conhecido de então. Povo energico a meio de populações tumultuarias e desorganizadas as suas naus primitivas sulcaram os mares do levante, o mediterraneo e o Atlantico espalhando obras primas ou objectos de somenos importancia, ocasionando pelas suas feitorias, sufetados poderosos e precedendo de seculos as grandes potencias talassocratas actuais e os grandes potentados do numerario moderno. A sua metropole era um pequeno litoral distante. A sugestão constante do mar misterioso atraiu-os seculos e os soberanos vizinhos mendigaram alfim o seu auxilio e a sua aliança fecunda.

Salomão, o suntuoso rei poeta dos hebreus, o demente apaixonado de Belkiss, a tragi-

ca formosura de Sabbá, o procere eloquente dos magos negros, foi um deles. Salomão quisera erguer um templo fantastico ao Senhor e o rei de Tiro mandou-lhe o arquitecto sabedor que dispunha dos recursos longinquos da sua patria de navegadores ciosos e fantasistas e que encheram de pavores os mares por onde singravam as suas caravelas ovantes.

A lenda maçonica, desde Elias Ashmole, finca nesse periodo obumbrado e antigo um dos seus simbolos mais pujantes (1).

Ei-lo segundo Ragon:

«Neste mesmo ano (1646) uma sociedade de Rosa Cruzes formada de harmonia com a *Atlantis Nova* de Bacon reune-se na sala dos *free-masons* de Londres. Asmhole e outros irmãos da Rosa † Cruz reconhecendo que o numero dos operarios de profissão estava ultrapassado pelos dos operarios do pensamento, porque o primeiro se enfraquecia dia a dia ao passo que os segundos aumentavam constantemente, pensaram ter chegado o momento de renunciar ás formulas de recepção desses obreiros, que tinham, até então, servido de *abrigo* aos *iniciados*, para agremiarem *adeptos*.

E substituiram-nas, por meio das tradições orais de que se serviam para os seus aspirantes ás Sciencias Ocultas, por um modo escrito de iniciação calcado sobre os *Antigos Misterios*, os do Egipto e os da Grecia, de sorte que o primeiro grau iniciatico foi organizado como o conhecemos. Depois de recebida a aprovação dos iniciados foi redigido em 1648, o grau de companheiro e o de mestre, pouco tempo depois.

A decapitação de Carlos I em 1649 e o partido que Asmhole tomou a favor dos Stuarts trouxeram grandes modificações a este grau.»

(1) Cf. *Bibliotheca Maçonica ou Instrucção Completa do Franc-Maçon.* Obra dedicada aos Orientes Lusitano e Brasiliense, por um cav.·. Rosa-Cruz. Paris. Aillaud. 4. vols. 1840.

Vejamos porêm a interpretação filosofica da lenda de Hiram e sirvamo-nos das palavras do falecido Grão-Mestre do Martinismo.

Salomão querendo erguer um templo monumental ao Eterno pedio o auxilio do seu vizinho rei de Tiro (1). Este mandou-lhe dos seus mais habeis construtores e entre eles, o homem encarregado de dirigir os trabalhos do Templo com um arquitecto chamado Hiram.

(1) Hierão, o rei de Tiro, era tambem o sumo sacerdote dos deuses cabires. Cf. Rev. Arnold *(Philosophical History of Freemasonery and other secret societies.)*

Era ele um homem cioso e sabedor. Criado a meio de florestas selvagens a Natureza era a sua exclusiva inspiradora; os seus misterios penetrava-os com a sua intuição maravilhosa.

Após a sua chegada de Jeruzalem, Hiram dividio os operarios em tres grandes categorias; á direita colocaram-se os que trabalhavam as madeiras e á esquerda os artifices dos metais e por fim, ao meio, os que afeiçoavam, trabalhando, as pedras.

Quando a divisão por classes, conforme a profissão se ultimou, Hiram dividio cada uma das tres classes em tres partes conforme o saber daqueles, que as compunham.

Os menos instruidos constituiram os *aprendizes*, os mais habeis, os *companheiros* e os dirigentes, os *mestres*.

Afim de impedir toda a confusão nestas ordens, cada um dos membros recebeo uma palavra misteriosa indicando o seu logar na hierarquia; os aprendizes reconheciam-se pronunciando a palavra *Jakim;* os companheiros dizendo *Bolurz* e os mestres indicando cada uma das letras do tetragrama misterioso dos iniciados: I. E. V. E.

Tal foi a ordem admiravel segundo a qual o sapiente Hiram estabeleceo a sua hierarquia.

Só o saber permitia aos obreiros melhorar de posição e esta sabia medida foi, apesar de tudo, a causa do assassinio de Hiram.

Tres maus companheiros quiseram arrancar á força ao grande arquitecto do Templo a palavra misteriosa dos Mestres e urdiram, com este fim, a mais infame conspiração.

Reuniam-se diariamente os mestres numa sala situada a meio do Templo e era-lhes reservada a porta situada ao Oriente. Finda a reunião costumava Hiram sair após todos para se confirmar da boa execução de suas ordens.

Senhores desta particularidade os tres companheiros embuscaram-se cada qual a uma das tres unicas portas e esperaram a saida do grande arquitecto. Findos os trabalhos Hiram dirige-se para a porta do sul onde encontra *Jubelos,* que lhe pede a palavra dos Mestres. Com a sua bondade habitual Hiram faz notar ao companheiro que só o saber lhe permitirá o conhecimento da misteriosa formula. Então o companheiro tenta descarregar sobre a cabeça de Hiram a pesada regua de ferro de vinte e quatro polegadas com que está armado. O Mestre afasta o golpe e só é atingido na garganta.

Dirige-se então o Mestre para a porta do Ocidente, que serve de entrada comum a todos os obreiros. *Jubelos,* que ali o esperava, fere no coração com o seu pesado esquadro o Mestre, pelo silencio do seu segredo.

Espavorido e ourado arrasta-se Hiram até á porta do Oriente, onde *Jubelum* enfurecido

pelas tentativas infrutiferas dos dois companheiros, quebra a fronte do Mestre, com um golpe de malhete.

Os tres scelerados interrogam-se mutuamente e vendo que os seus planos tinham falhado em absoluto, resolvem eliminar os indicios do seu crime. Esconderam o cadaver nuns escombros e no dia seguinte, ao romper da manhã, levaram-no para uma floresta proxima, onde o sepultaram e um ramo de acácia somente, indicou o tumulo do maior dos homens.

Entretanto Salomão não vendo comparecer o seu arquitecto e pressentindo uma fatalidade mandou tres mestres em sua busca.

Como estes voltassem sem nada encontrar o rei mandou de novo nove mestres, que ao fim de sete dias de buscas descobriram pelo ramo de acácia, o tumulo de Hiram que, graças a eles, ressuscita em cada franc-mação.

Os criminosos, foragidos, foram capturados em breve. O seu esconderijo foi traído por um desconhecido e um dos quinze mestres enviados para os punir matou o mais culpado, o assassino de Hiram *Abibala*, numa caverna, perto de uma fonte, onde se tinha refugiado.

Um cão indicára o esconderijo do scelerado. Os outros assassinos suicidaram-se e as cabeças dos tres companheiros foram levadas a Salomão.

*

* *

Tal é nas suas linhas principais a lenda de Hiram. Antes de empreënder a interpretação dos seus sentidos diversos, façamos algumas declarações importantes.

Antes de tudo achámos preferivel não complicar a descrição, com as fantasias decorativas dos fabricantes de Rituais. Alguns autores misturam a esta lenda os amores de Hiram com Belkiss, fazendo Salomão, cumplice dos assassinos.

Outra nota bem interessante é a diferença nos nomes dos criminosos. Aqui *Jubelum* tornou-se *Abibala*.

Eis o que o *Thuileur General* diz a este respeito.

«Os nomes dos tres assassinos de Hiram variam muito nos diferentes graus conforme as diversas aplicações, que deles se faz.» Assim temos:

Abiram, Romvel, Gravelot ou Habben, Schterke, Austersfurth ou Giblon, Giblas, Giblos ou Jubela, Jubelos, Jubelum, etc.

O Templario vê neles *Squin de Florian, Noffodeï* e o *Desconhecido* sobre cujas deposições, Felipe o Belo acuzou a Ordem perante o Papa ou então os abominaveis Felipe, o Belo, Clemente v e Noffodeï.

O Maçon coroado, o Rosa † Cruz de França substituem-nos por Judas, Caifaz e Pilatos, os tres autores da morte de Jesus.

Na Rosa † Cruz de Kulwining os tres assassinos da beleza são Caïn, Hakan e Heni.»

Como todas as historias simbolicas a lenda de Hiram presta-se a varios sentidos, que podem ser classificados em tres grupos: sentido natural, sentido moral e sentido psíquico.

1.° *Sentido Natural.* — No sentido natural ou fisico a lenda pode ser considerada sob dois aspectos principais: como social aplicando-se ás leis da sociedade e como astronomica desenvolvendo um mito solar. O sentido astronomico, continúa, o dr. Gerard Encausse [1]

[1] Gerard Encausse. 33°, 90°, 96° Sup. Gr. Marshal of the Sup. Grande Loge of Manchester (Swed. Rite), President de la Grande Loge Swed. de France. Chap. et Temple Inri. Ven. de la Loge Symb. Umanidad n.° 240, Directeur du secretariat de la Federation Maç. Universelle (Paris). Falecido na actual guerra, na frente francêsa, foi o ultimo Grão-Mestre da Ordem Martinista. A Ordem Martinista organizada pelo judeu português Pascoal Martins no sec. XVIII, modificada por Saint-Martin está actualmente muito espalhada por toda a Europa e

foi tratado com bastante autoridade por todos os autores maçonicos.

«O sol no solsticio do estio provoca em tudo o que respira, os cantos do renascimento; Então Hiram, que o representa pode dar, a quem de direito *a palavra sagrada*, isto é *a vida*.

Quando o sol desce aos signos inferiores o *mutismo* da natureza começa. Hiram não pode por isso dar a palavra sagrada aos companheiros, que os tres ultimos meses inertes do ano representam.

Considera-se o primeiro companheiro como ferindo fracamente Hiram com uma regua de vinte e quatro polegadas; imagem das vinte e quatro horas da duração diurna; primeira distribuição de tempo, que depois da exaltação do grande astro, atinge fracamente a sua existencia, dando-lhe o primeiro golpe.

O segundo fere-o com o esquadro de ferro, simbolo da ultima estação figurada nas intersecções de duas rectas, que dividiriam em quatro partes iguais, o circulo zodiacal, cujo centro simboliza o coração de Hiram, onde findam as pontas dos quatro esquadros figurando

Americas, tem como Grão-Mestre o Dr. Dettré e tem delegado em Portugal. A séde do supremo conselho é na R. Mayet 4. Paris VI.

as quatro estações. Segunda distribuição do tempo, cuja passagem vibra o ultimo golpe na existencia do sol expirante.

Nesta interpretação conclue-se que Hiram fundidor de metais, tornado o heroi da nova lenda, com o titulo de *arquitecto* é *Osiris*, (o Sol) da iniciação moderna; que *Isis*, sua viuva é a *Loja* (emblema da terra) em sanscrito *loga*, o mundo e que *Horus*, filho de *Osiris* (ou da luz) e *filho da Viuva* é o *franc-maçon*, isto é, o *iniciado*, que habita a loja terrestre *(filho da Viuva e da Luz* [1]).

Assim os tres companheiros perfidos traem o seu mestre como o fez Tifon a respeito de Osiris. Hiram apresenta-se á porta do Ocidente para saír do Templo; é precisamente o que o sol faz, porque se eu imagino este astro tomando domicilio no signo de *Aries*, no primeiro dia da primavera, no ultimo do seu triunfo no solsticio do estio ou na vespera da sua morte, que teve logar em *Libra*, desce no horizonte pela porta do Ocidente e se examino então a posição, que *Aries* toma a Oriente verei perto dele o grande Orionte, de braço erguido, empunhando uma maça em atitude de o ferir. Ao norte verei Perseu armado, prestes a cometer um crime. Repito, o assassinato do Hiram,

[1] Ragon *Maçonnerie*.

tomado no estilo figurado ou alegorico é como a paixão de Osiris, como a de Adonis, como a de Atys ou de Mythra, um facto de imaginação de sacerdotes astronomos, que tinha por fim a descrição da ausencia do Sol de sobre a terra.

O romanée que se nos apresenta à cêrca de Hiram é completo porque o ceu faz-nos vêr tambem *os nove mestres*, que vão em busca do seu corpo e se se lançarem os olhares para o ocidente do horizonte, quando o sol desaparece em *Aries*, ver-se ha em torno desta constelação Perseu, Faetonte e Orionte.

«Seguindo assim as constelações, que decoram o ceu nesta posição, notar-se ha, ao norte Cefeu, Hercules e Bootes, no Oriente ver-se ha aparecer Centauro, o Serpentario e Escorpião; todos caminham com ele, seguem-no passo a passo até o momento da sua nova aparição no Oriente.» [1]

[1] Cf. Lenoir *La Franc-Maçonnerie*, p. 287.

A questão Bacon

Bastas e inopinadas vezes o velho tema das origens e dos fins da Franco-Maçonaria surge, como de encanto. Quase sempre o incidente, cuja solução seria inegavelmente interessante, dissolve-se com produtos de refeitas afirmações porque ela, a Maçonaria, a quem a ultima palavra competiria não riposta e os irmãos sorriem-se, olimpicamente uns, ignaramente outros. E ninguem resolve o problema. Todavia as hipoteses vão ficando e a baconiana completada com a fase alemã de Weispaut é uma dessas. Insistimos em que é problema de incontestavel interesse tanto mais que em quase todos os acontecimentos de monta dos ulteriores dois seculos a Maçonaria tem, na declaração unanime, parte indiscutivel (1).

---

(1) « La *Cabala*, i *Libri Ermetici*, le teorie pitagoriche, gli studi delle accademie iniziatiche, l'opera dei ro-

O autor anonimo do *Secret de la Franc-Maçonnerie* [1] inicia o seu libelo pelo famoso pentagrama (A. E. I. O. U.) e por uma pagina violenta de Balmes ácerca da Inglaterra — «dominadora do orbe pela sua sistematica, fria e maquiavelica persistencia e pela feição mercantil e plutocratica da sua psicologia dominadora e assim *Angliæ Est Imperare Orbi Universo*». Como se vê é a fórma austriaca de Maximiliano numa pequena e fundamental alteração.

Do tempo da rainha Isabel aos nossos dias a Inglaterra tem evoluido fecundamente alicerçando o seu imperio vasto mercê da Maçonaria — obra sua, segundo os baconistas.

---

sacruciani, le ricerche dei liberi muratori alchimist- ecc., sono prove magnifiche del proficuo ed alacre interessamento dela massoneria per le quistioni (sopra) ceni nate. Nel secolo XVIII fiorirono in Europa moltissimi riti ed ordini massonici con fini occultistici — ed anche oggi ne esistono in varie parti del globo — fra i quali l'*Ordine dei Rosa-Croce*, il *Rito de Swedenborg*, il *Rito degli Eletti Cohens*, l'*Ordine dei Filaleti*, l'*Ordine dei Filadelfi*, l'*Ordine della Stretta Osservanza*, il *Rito dei Martinisti*, ecc.

Si puo dire per conseguenza che l'odierno spiritismo sia figlio dell'antico occultismo massonico, il quale si e valso sempre di *mezzi scientifici* proporzionati però alle condizione dell'epoca e per *fini naturalistici*».

Cf. Liborio Granone *La Massoneria*. (Roma 1915).

[1] *Le secret de la Franc-Maçonnerie* por * * *. (Paris. Perrin. 1905).

Esta afirmação aparentemente paradoxal não é invulgar e para a sua compreënsão faz-se nos mister recuar até o proprio Francisco Bacon [1].

---

[1] A fama de sabio e de filosofo do chanceler da Rainha Isabel deve-se, indubitavelmente, em grande parte, a um mal entendido.

No seculo XIII viveu, de facto, na patria do chanceler um monge, que mereceu o nome de *Doctor mirabilis* e que se chamava Rogerio Bacon (1214-1294?). Depois de ter estudado o latim, grego, hebreu e arabe, depois de ter aprofundado as matematicas, Rogerio Bacon começou as experiencias de fisica e de quimica. Precursor de G. Galileu vio a fraqueza do sistema ptolemaico; propôs a reforma do calendario juliano, estudou a propagação, a reflexão e a refracção da luz, a formação do arco-iris, o mecanismo da visão; conservou a formula da polvora, que obtivéra dos arabes; compreëndeu que os estudos alquimicos, que absorviam os sabios do seu tempo não podiam, como eles julgavam, transformar a natureza dos metais. Abalou o jugo de Aristoteles e proclamou muito antes do seu homonimo e compatriota do seculo XVI, a necessidade da *sciencia experimentalis:*

«A sciencia experimental não recebe a verdade das mãos das sciencias superiores; ela é a senhora e as outras sciencias são ancilas suas». Chega a distinguir duas especies de observação. Uma a experiencia passiva e vulgar a outra a experimentação activa e sabia. Rogerio Bacon, monge franciscano foi vitima das perseguições da sua Ordem, passou em prisão grande parte da sua vida, precisamente por tornar publicas as suas experiencias de quimica. (V. E. Charles *Roger Bacon* (Paris. 1861).

A Inglaterra do seculo XVI iniciava uma das suas mais fecundas e violentas fases historicas.

Não fôra a posição estrategicamente invulneravel com que a dotára a natureza, crivel é que o seu passado historico listrado de violencias e de explendidas raizes de um futuro gigante se não começasse a alçapremar, aos poucos mas de vez, ao fastigio que ulteriormente conquistou. O tempo da rainha Isabel foi decisivo. Figura um tanto obliqua e misteriosa, foi uma digna herdeira da impulsividade, da obra e do pensamento henriquiano. Mas o campo era feraz e despido de talentos vincantes. Os *arrivistas* surgiram e Francisco Bacon foi um deles; obliquo tambem não duvidou sacrificar no cadafalso o conde de Essex e de

---

Bem depressa entrou o nome e a obra de Rogerio Bacon num quase perfeito duradouro olvido. Simplesmente o nome do famoso monge se proununciava com o de um sabio. Surge no seculo XVI Francisco Bacon, lord Verulam, espirito organizador se bem que violento e nebuloso, cae igualmente no olvido e mais tarde, em pleno seculo XIX, os enciclopedistas ressurgem-no, fundem-nos, a aureola do sabio passou para a fronte do politico e o antipatico causador da morte do conde de Essex é proclamado o precursor de Augusto Comte pelas teorias do seu homonimo do seculo XIII, graças á devoção de Walpole, de Voltaire e dos enciclopedistas.

subservientemente seguir os caprichos de Jaime I, o filho degenerado de Maria Stuart.

Então foi o homem da situação e nas mãos de Bacon os cargos palatinos almoedaram-se vigorosamente. Bacon foi então o «sosie» de Maquiavel: «O imperio dos mares, dízia ele, é uma especie de monarquia universal com que a natureza dotou a Gran-Bretanha. Um povo, que tem o dominio dos mares, é sempre livre para fazer a guerra ou recusa-la. As suas armas manteem o seu comercio e este alimenta-lhe as forças; cedo ou tarde possuirá todos os tesouros da India á sua disposição».

Apesar de tudo Bacon tinha em mente uma ideia grandiosa: Fazer da Inglaterra um país dominador e altivo: *Angliæ est Imperare Orbi Universo*. A tese foi estremamente defendida através da *Atlantis Nova*. Como? Não devia ser o rei nem o governo a tomarem a peito a solução do problema *(sermones fideles* XXIX, 12). O país ideal era a ilha de *Bensalem*, descoberta por uns navegadores inominados. Bensalem, era o prototipo, ilha desconhecida e oculta nas brumas da humanidade e do futuro. O seu principal organismo politico era uma «sociedade secreta» o *Templo de Salomão*, e o seu fim era tornar os homens felizes revelando-lhes os segredos da sciencia. Os seus membros eram *irmãos* e trabalhavam, em oculto, divididos num certo numero de classes, discriminados

em graos. Nas suas reuniões *(conventus)* os *irmãos* discutiam conjuntamente os primeiros trabalhos, depois tres irmãos (as tres luzes) entregavam-se a experiencias de uma «luz mais sublime» e outros, enfim, punham em pratica os resultados obtidos.

Nas assembleias fazia-se a escolha do que devia ser revelado ou ocultado aos profanos. Os irmãos comprometiam-se por juramento a nada revelar do que se resolvia manter secreto sendo por vezes algumas comunicações feitas ao Principe ou ao Parlamento.

Os irmãos eram recrutados por iniciação de noviços e de aprendizes; tinham processos para se introduzirem secretamente em outros países com o encargo de relatarem os seus negocios e os seus progressos.

«Tal era a constituição sonhada por Bacon; por detraz do governo esconde-se uma sociedade secreta, que o dirige e se dissimula sob o nome de Academia Scientifica afectando a rectidão e a sinceridade quando, de facto, procura surpreënder os segredos dos outros povos, imiscuindo-se e vivendo a meio deles numa mentira perpetua; uma sociedade que pretende trabalhar pela felicidade da humanidade e se reune em segredo para deliberar à cêrca das ideias, que convem espalhar ou ocultar, consagrando somas consideraveis á espionagem e á corrução.»

*

Para Francisco Bacon a Inglaterra devia copiar esse modelo de economia politica que era a ilha ideal de Bensalem. [1]

---

[1] «Tel est le programme, tels sont les procedés du *Temple de Salomon* et de *l'île de Bensalem*. Mais ces procédés, nous les avons vus, nous les voyons constamment appliqués: ce sont ceux de la Franc-Maçonnerie. Le programme, c'est celui auquel elle travaille encore anjourd'hui. Il nous suffirait donc pour savoir qui est la Franc-Maçonnerie, par qui elle est dirigée, pour qui elle travaille, de trouver dans le monde l'île de Bensalem, cette île qui affecte d'être une terre d'asile, qui base sa puissance sur l'empire de la mer, qui couvre toujours ses expeditions, ses conquêtes, ses déprédations dun pretete specieux de justice et d'humanité et dont toute la politique est faite de mensonge et d'hypocrisie.»

O Segredo da Franc-Maçonaria. O Iluminismo

Para muitos autores é uma questão importuna a que filia a Maçonaria nas corporações de pedreiros, especialmente os *free-massons*, cujo fim era meramente profissional.

Indiscutivelmente exforçavam-se por guardar segredos mas segredos profissionais, processos de construção. Tinham logares de reunião chamados Lojas e uma especie de hierarquia com tres classes distinctas: aprendiz, companheiro e mestre.

Ora ao lado destas corporações havia uma sociedade mais secreta: a Rosa † Cruz que ostentava um fim filantropico e scientifico, procurava a transmutação dos metais, a arte de prolongar a vida e estudava o ocultismo. As suas reuniões eram secretas e tinha filiais em varios pontos da Europa, na Haia e em Paris. Bacon era R. † C., como Roberto Fludd e Elias Ash-

mole. Em 1619 apontam-nos como uma associação perigosa; em 1653 Campanella apresenta-os como perseguindo sistematicamente a destruição da sociedade.

Pelos seus fins lembram, de perto, os irmãos da *Atlantis Nova* de F. Bacon; tambem eles procuram a felicidade da humanidade entregando-se ocultamente ao estudo das sciencias naturais. Lembram ainda os emissarios do *Templo de Salomão* vivendo ocultos a meio dos outros povos. Sequentemente á divulgação dos segredos tecnicos as associações dos «free-massons» tornadas simples associações de assistencia abriram-se a não-profissionais e foi assim que em 1646 Elias Ashmole admitido numa destas confrarias operou a fusão de uma sociedade de Rosa † Cruzes e duma sociedade de «massons» e substituio as cerimonias de recepção dos obreiros por ritos de iniciação calcados nos antigos misterios do Egipto e da Grecia. Depois de reunidas e eleito um Grão Mestre em 1717 as Lojas inglesas espalham a maçonaria pelo mundo inteiro.

Foi na Alemanha que ela teve uma sorte singular com Adam Weishaupt e com os *Iluminados*. Os Iluminados completam Bacon e dão á filosofia maçonica um corpo pastoso doutrinario.

Adam Weishaupt era professor na Universidade de Ingolstadt. Com um discipulo e con-

fidente Zwack, com um aventureiro, desde a infancia iniciado por seu pai nos segredos dos R. † C., Knigge, Weishaupt exforça-se por atrair os estudantes ás Lojas e organiza o *Iluminismo*, dando-lhe como fim o *apoderar-se do poder* não só na Baviera mas em *todos os paises*, de rodear os soberanos filiados e *de governar em seu nome*. Uma vez percorrida esta primeira etape, a *Ordem devia impor por toda a parte a sua educação, o seu ensino, as suas instituições e reduzir assim todos os povos a colocarem-se voluntariamente sob a direcção de chefes desconhecidos.*

Eis, segundo muitos, o «segredo da Franc-Maçonaria.»

O metodo maçonico tal como eles o expõem repousa sobre este principio, que o espirito do homem pode ser formado á vontade pela educação, que por ela se lhe póde informar uma mentalidade determinada, refazendo totalmente a consciencia moral. A primeira parte consiste na ablacção da educação recebida *(pars destruens,* de Bacon) a segunda na construcção sobre novos metodos *(pars construens).*

A hipotese judeo-kabalistica

A renascença esoterica de 1886, agitando a genese ancestral de muitas afirmações do transcendentalismo filosofico actual arrastou até à superficie tranquila da critica serena muitas questões antigas eliminadas, umas, adredemente obumbradas, outras.

A hipotese kabalistica é uma das que sofreo ataque duplo e profligado e maldita, ainda hoje faz sorrir os profanos. Apesar de tudo ha na kabala pontos de vista de uma beleza intensa e de uma verdade extranha.

Não sabemos qual seja preferivel se o riso de Voltaire se o de Plangloss.

Um dos defeitos da actual cultura scientifica é um espirito critico permeado de muito desdem olimpico e de muito sorriso inoportuno.

Esta questão do kabalismo historico dilucida-la hemos um dia *ex-professo* e de espaço.

Basta-nos saber por agora que se o *Tulmud* é a alma do judeo, a *kabala*, cujo codigo principal é o *Zohar* é a alma do Talmud.

Nos arraiais anti-semitas e espiritualistas ha opinião feita de ha muito a este respeito. Ha duas especies de kabala, dizem, a antiga e a farisaica [1].

Os rabinos faziam derivar a antiga, de Moises. O sentido oculto da *Torah* seria revelado por *Iavé* na montanha vulcanica do Sinai ao proprio Moises, que a transmitiria a Josué e que os doutores da Lei, conservariam intacta.

Durante o cativeiro de Babilonia infiltrações premeditadas de caracter abstruso foram feitas na Velha Tradição e nos ultimos tempos de Jerusalem os rabinos trocariam a teologia mistica pela teologia talmudica, ensino oral, que desnaturaram com adaptações feitas das filosofias orientais, mormente com o panteismo a par do sabeismo persa.

Foi o inicio da kabala farisaica.

*

Renovada esta dos antigos caldeus pelos rabinos do II e do III seculo *daria origem á magia e ás sociedades secretas*. São do proprio I∴ Ro-

[1] Cf. João Antunes *Œdipus*. Blavatsky *The Secret. Doctrine*. A-E.-Waite. *The Secret Doctrine in Israel*.

gon as seguintes palavras «*La Kabbale est la mère des sociètés occultes*». [1] Eliphas Levi acrescenta que profligada ela violentamente pelas proscrições anti-templaristas, as suas doutrinas e os seus ritos se refugiaram. «*dans les doctrines et les rites si peu connus encore, de la maçonnerie ancienne et moderne*» continuando: «*La grande association kabbalistique, connue en Europe sous le nom de Maçonnerie, apparait tout à coup dans le monde, au moment ou la protestation contre l'Eglise vient de démembrer l'unité chretienne*» [2] É de notar que um dos mais talentosos proselitos de Martinho Lutero, João Reushlin era um devotadissimo kabalista.

O mesmo autor escrevia em 1868:

Toutes les religions vraimente dogmatiques sont sorties de la Kabbale et y retournent. Tout ce qu'il y a de scientifique et de grandiose dans les rêves religieux de tous les illuminés, Jacob Bœhme, Swedenborg, Saint Martin est emprunté á la Kabbale: Toutes les associations maçoniques lui doivent leurs secrets et leurs symboles».

«*La dóctrine kabalistique est le dogme de*

[1] Ragon *Maçonnerie occulte*. Drach *Harmonie* e Gougenot des Mousseaux *Le juif*.

[2] Eliphas Levi *Histoire de la Magie*.

la haute magie et, voilée sous le nom de kabale, est indiquée par tous les hiéroglyphes sacrés des anciens sanctuaires et des rites encore si peu connus de la Maçonnerie ancienne et moderne». ([1])

Outro argumento comprovativo da origem talmudica da Maçonaria é deduzido da sua linguagem simbolica.

Afirma-se ainda que os maçons obedecem a chefes desconhecidos, chefes, na sua quase totalidade, judeos.

Posto o que, a hipotese da origem judeo-kabalistica da Maçonaria gosa ainda e profundamente fóros de autentica.

I. Bertrand ([2]) declara:

«A doutrina cabalistica, diz Eliphas Levi, é o dogma da alta magia e, disfarçada sob o nome de kabala, é indicada com todos os hieroglifos sagrados dos antigos santuarios e dos ritos ainda muito pouco conhecidos da Maçonaria antiga e moderna. Seria dificil, depois dos testemunhos, que acabamos de citar, duvidar dos laços de parentesco que existem entre a Franc-Maçonaria de qualquer rito que seja e o Judaismo procedente da Kabbala farisaica; e para

([1]) El. Levi *Dogme et Rituel de la Haute Magie.*

([2]) I. Bertrand *L'Occultisme Ancien et moderne* (*Blond et Barral*. Paris 1900).

aqueles para quem não bastam estas provas, apresentaremos ainda outras mais perentorias».

Porque meio principal distinguimos os povos de raça diferente? Pela lingua. Pois bem: a Maçonaria nunca deixou de falar a lingua do *Talmud*.

A palavra de *passe* do rito francês é *Tubalcain*, e a palavra sagrada *Jakin*, nome de uma das colunas do Templo de Salomão.

Booz é a palavra sagrada do rito escocês. Pronuncia-se *Bogaz* em hebraico. Era o nome da segunda coluna do Templo e tambem do esposo de Ruth.

Para o grao de mestre do rito francês adoptou-se *Giblim* como palavra de passe. Esta palavra faz lembrar os Ghiblinos, que Salomão empregou, conforme dizem os iniciados, no talhe das pedras, que serviram para a construção do Templo.

A palavra sagrada do rito escocês para o grao de mestre é *Moabon*, cujo radical hebraico *Moab* significa *a patre*. *Mohab* era o filho incestuoso de Loth e de sua filha mais velha.

Passemos ás lojas de adopção ou Maçonaria das mulheres.

Para a recepção de uma Mestra, o quadro representa: 1.° a Escada da Mestra; 2.° a torre de Babel; 3.° José na cisterna; 4.° o sonho de Jacob; 5.° a mulher de Loth transformada em

estátua de sal; 6.° o incendio de Sodoma; 7.° o sacrificio de Abraão; 8.° duas taças inflamadas; 9.° a arca de Noé sôbre o monte de Ararat, etc.

Babel é a palavra de passe; Havot-Jaïr, a palavra sagrada. Em hebraico *Havot-Jaïr* significa: *oppida iluminationis.*

No grao de Mestra perfeita o Grão-Mestre representa *Moisés* e a Grã-Mestra, sua mulher *Séphora.* O irmão depositario é chamado *Aarão.* A palavra de passe é *Beth-Abara,* do hebraico *Beth-Hébet;* a palavra sagrada *Achitob,* de *Ahhitoub.*

Para o grao de Eleita, sublime escocêsa, o Mestre tem o nome do sumo-sacerdote Eliacim, Governador da Bethulia; o primeiro vigilante chama-se *Ozias,* principe de Judá; a irmã recipiendaria tem o nome de *Judith.*

Quando se recebe o Mestre Secreto dos Graos capitulares escocêses, a Loja simboliza o *Santo dos Santos.* O veneravel representa o rei Salomão, e o vigilante toma o titulo de inspector com o nome de *Adhoniram.*

Ziza é a palavra de passe. Era o nome do filho de Jonatham. Foi escolhida para palavra sagrada a letra *iod,* que, tomada no sentido kabbalistico, significa Deus, principio, unidade. Na recepção do Mestre perfeito o veneravel personifica *Adhoniram,* filho de *Abda.*

O vigilante chama-se *Stofkin* e o introdutor

Zerbal. Primeira palavra de passe: *Johaben* (em hebraico *Jhæben;)* segunda palavra de passe: *Zerbal* (nome do comandante das guardas de Hirão, rei de Tíro). Palavra sagrada: *Joah,* por *Jehovah.*

A Maçonaria adhoniramita apresenta identicos caracteres. Exemplos: — Grao de Mestre perfeito: palavra de passe: *Monte-Libano;* pala vra sagrada: *Jehovah.*

O *rito Misraïm,* que se compõe de 90 graos, não tem sequer uma palavra de passe ou mesmo uma palavra sagrada, que não provenha da linguagem do Talmud.

Igual observação se póde fazer com respeito ao *rito de Menfis.* A Maçonaria dos Moabitas, ou cavaleiros prussianos, não faz excepção á regra.

Eis o que se lê no *Telheiro da Ordem:*

« Toque: — Tomar o index da mão direita do *Telheiro* e aperta-lo com o polegar dizendo: *Sem.*

O examinador faz igual toque dizendo: *Cham.*

Repetir o toque pronunciando; *Japhet.*

Palavra de passe: *Phalegh,* pronunciada tres vezes em tom lúgubre e lento ».

Os Franc-Maçons, como os Judeus, não fazem o computo do tempo pela nova era. Uns e outros fazem datar o começo do ano do mês de março. E não dizem: março, abril,

maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro, Janeiro, fevereiro, mas sim: «*Nisan, Jiar, Sivan, Thamus, Ab, Alul, Thish'ri, Marhheschvan, Chislev, Tebeth, Shebat, Adar*».

*

* *

É facil desvendar a conclusão brotante de todo este apanhado de tradições e deste arrazoado calcado na tradição dos tempos mais vetusto do que a emergente de dois escassos seculos de oscilações da historia com causas determinantes secretas. A Maçonaria não tem razão de existir como mera e oculta forja de revoluções ou de aspirações violentas. Como associação altruista de beneficencia, menos ainda. O progresso humano, resultante estatica e dinamica da livelação moral evolutiva deve ter pura e simplesmente como causa determinante a ascese do espirito e uma elevada cultura, baseada na propria evolução da humanidade e numa austera cultura humana.

Mal avisados andaram os adeptos reduzindo a Maçonaria vulgar a um simples laboratorio de explosivos, de caracter filosofico. Por isso

não alcançam a transcendente significação hermetica dos simbolos e pretendem rebocar as Lojas, do aparato scenico do simbolismo, venerando em seculos idos.

O secretismo historico é um facto social. Encontramo-lo ainda hoje nos velhos sistemas esotericos do Oriente na mesma continuidade logica e hermetica de muitas gerações.

Secretismo transcendente e grandioso houve-o nos grandes e nos misterios menores da Grecia gloriosa de Pericles. É um facto comprovado que a sua implantação se fez na Roma augusta dos Cesares.

Veiu a decadencia, vieram os barbaros, veio a oclusão mas através da meia-idade a mesma cadeia kabalistica e hermetica manteve-se oscilante mas constante. As quatro Lojas da Inglaterra de 1717 scindiram-se e separaram-se do espirito autentico dos Rosa † Cruzes, que ainda hoje, por exemplo, a *Ordem Reformada dos Rosa † Cruzes de Inglaterra* e a *Ordem Martinista* de França manterão. É de crer que os Grandes Orientes *oficiais, desconheçam estas irregularidades maçonicas*. Ora a Grande Loja de Inglaterra cedendo ao ramo protestante dos Stuarts, eivando-se de Bacon e esquecendo Rosen creutz, quebrou essa continuidade hermetica. O que se faz mister é que nas Lojas se estudem esses classicos profligados do passado e que do estudo dos velhos documentos, desde

os de mais remotas eras, se deixe brotar o ensinamento grandioso e profundo, que foi a base da sciencia e da filosofia antigas.

E posto isto findemos lembrando uma frase quase coetanea do inicio da maçonaria *moderna* e que representa um aspecto antinomico mas homogeneo por ser mais persistente. Terá a Maçonaria uma razão de existir mas *aut sint ut sint aut non sint*.

Discurso Iniciatico para uma recepção na Ordem Martinista

(3.º GRAU)

Foste sucessivamente revestido dos tres graus hierarquicos da nossa Ordem. Nós te saudâmos S.·. I.·. *(Supérieur Inconnu)* e quando tiveres transcrito e meditado nossos cadernos serás iniciador por tua vez. Á tuas mãos fieis será cometida uma importante missão; incumbir-te ha o encargo mas tambem a honra de formar um grupo de que tu serás, perante a tua consciencia e perante a Humanidade-Divina, o Pai intelectual e, possivelmente, o Tutor moral.

Não se trata de se impôr convicções dogmaticas. Que tu te julgues *materialista* ou *espiritualista* ou *idealista*; que tu faças profissão de *Cristianismo* ou de *Budismo*, que tu te proclames *livre-pensador* ou mesmo que afectes um

scepticismo absoluto, pouco nos importa. Não perturbaremos o teu coração, molestando o teu espirito com problemas, que não deves resolver senão face a face com a tua consciencia e no silencio soléne das tuas paixões serenadas.

Contanto que, abrasado de um amôr verdadeiro para teus irmãos humanos, tu não busques jamais dissolver os laços de solidariedade, que te ligam estreitamente ao Reino Hominal, considerado na sua sintese, tu és de uma Religião suprema e verdadeiramente *universal* porque é ela que se manifesta e se impõe (multiforme, é certo, mas essencialmente identica a si propria) sob os veus de todos os cultos exotericos do Ocidente como do Oriente.

Psicologo dá a este sentimento o nome, que tu quiseres: *Amôr, Solidariedade, Altruismo, Fraternidade, Caridade.*

Economista ou *Filosofo* chama-lhe *tendencia ao socialismo*, mesmo... ao *Colectivismo*, ao *Comunismo*... Os nomes pouco significam.

Honra-o, *Mistico*, sob os nomes de *Mãe divina* ou do *Espirito Santo.*

Mas, como quer que sejas, jamais esqueças que em todas as religiões, realmente verdadeiras e profundas, isto é, fundadas no Esoterismo, a objectivação deste sentimento é o ensinamento primario, capital, essencial do proprio Esoterismo.

*

* *

Prosecução sincera e desinteressada da Verdade: eis o que o teu espirito se deve a si-proprio; mansidão fraterna a respeito de todos os homens: eis o que deve ao proximo o teu coração.

Exceptuados estes dois deveres, a nossa Ordem não pretende prescrever-te outros, ao menos, sob um modo imperativo.

Nenhum dogma filosofico ou religioso é imposto, de preferencia, á tua fé. — Quanto à doutrina, cujos principios essenciais resumimos para ti somente, te exôramos que a medites de espaço e sem ideias preconcebidas. É simplesmente pela persuação que a Verdade tradicional quere conquistar-te á sua causa.

Abrimos a teus olhos os selos do Livro; compete-te aprender a *soletrar* primeiro a *Letra* e depois a penetrar o *Espirito* dos misterios, que o livro contem.

*

* *

Começamos-te: o papel dos teus *Iniciadores* deve limitar-se a isso. Se tu chegares *de per ti* á inteligencia dos *Arcanos* merecerás o titulo de *Adepto* mas bem é nota-lo: inutilmente os mestres mais sapientes tentariam revelar-te as supremas formulas da sciencia e do poder magico: A *Verdade oculta* não poderia transmitir-se num discurso: *cada qual deve evoca-la, cria-la, desenvolve-la em si.*

Tu es *Initiatus*, aquele que outros colocaram no caminho. Exforça-te por te tornares *Adeptus*, aquele que conquistou o saber de per si; numa palavra: *o filho das suas obras.*

*

* *

A nossa Ordem limita as suas pretensões á esperança de fecundar o bom terreno semeando por toda a parte a boa semente: o ensino dos S.·. I.·. são *precisos* mas *elementares.*

Quer este programa secundario baste à tua ambição, quer o teu destino te impila um dia ao liminar do templo misterioso donde irradia, de ha seculos, o luminoso deposito do Esoterismo Ocidental, escuta as ultimas palavras de teus Irmãos desconhecidos: possam elas germinar no teu espirito, frutificar na tua alma.

*

* *

Afirmo-te que podes encontrar nelas o *«criterium» infalivel do Ocultismo* e que o fecho da abobada da sintese esoterica, está nelas. Mas para que insistir se tu podes *compreënder* e se tu queres *crer?* De contrario, para que insistir tambem?

És perfeitamente livre para considerar, o que resta a dizer-te, como uma *alegoria mistica* ou uma *fabula literaria sem alcance* ou mesmo por uma *audaciosa impostura*...

És livre mas **Escuta.** — Germine ou apodreça a semente vou semear!

*

* *

Em principio, na raiz do *Ser*, está o ***Absoluto.***

O ***Absoluto*** — que as religiões denominam: ***Deus*** — não pode conceber-se e quem pretenda defini-lO desnatura a sua noção, indicando-lhe limites: ***«um Deus definido é um Deus finito»***.

Mas deste Insondavel Absoluto emana eternamente a ***Diade Androginica,*** formada de dois principios indissoluvelmente unidos: O Espirito vivificador ♆ e a Alma-viva universal ☿.

O misterio da sua união constitue ***o Grande Arcano do Verbo.***

Ora, o ***Verbo,*** é o Homem Colectivo considerado na sua sintese divina, antes da sua desintegração. É o ***Adão Celeste*** antes da sua queda, antes deste Ser Universal se ter modalizado, passando da Unidade ao Numero; do Absoluto ao Relativo; da Colectividade ao Individualismo; do Infinito ao Espaço e da Eternidade ao Tempo.

Acêrca da quéda de Adão, eis algumas noções do ensino tradicional:

Incitados por um mobil interior, cuja natureza essencial bem é que ocultêmos por agora, mobil que Moises denomina ***Nahash*** e que nós definiremos a ***sêde egoista da existencia individual*** um grande numero de Verbos fragmentarios, consciencias potenciais vagamente dispertadas em fórma de emanação no seio do Verbo Absoluto, separaram-se deste Verbo, que as continha.

Destacaram-se — infimos sub-multiplos — da ***Unidade-Mãe,*** que os tinha engendrado. Simples raios deste sol oculto, dardejaram até o infinito, nas trevas, a sua nascente individualidade, que eles desejavam independente de todo o principio anterior, numa palavra, autonomo.

Mas como o raio luminoso não vive senão de uma existencia relativa e proporcional ao fóco, que o produziu, estes Verbos, igualmente relativos, destituidos de principio auto-divino e de luz propria, obscureceram-se á medida que se afastaram do Verbo absoluto.

Cairam na materia, ***mentira da substancia em delirio de objectividade;*** na materia, que está para o Não-Ser como o Espirito para o Ser, desceram até a existencia elementar, até á animalidade, até ao vegetal, até ao mineral... E assim nasceu a materia, que foi elaborada pelo Espirito e o Universo concreto tomou uma vida ascendente, que remonta da pedra, apta á cristalização até ao homem, susceptivel de

pensar, de orar, de assentir ao inteligivel, de se dedicar pelo seu semelhante.

Esta repercussão sensivel do Espirito cativo, sublimando as fórmas progressivas da Materia e da Vida para tentar sair da sua prisão — constata-a a sciencia contemporanea e estuda-a sob o nome de *Evolução*.

A Evolução é a Universal Redenção do Espirito. Evoluindo, o Espirito progride.

Mas antes de progredir, de subir, o Espirito, desceu. A isso chamâmos: *Involução*.

Como parou o sub-multiplo verbal, num ponto dado da sua quéda? Que força lhe permitiu arripiar caminho? Como foi que a consciencia inflada da sua divindade colectiva acordou nele, sob a fórma ainda bem imperfeita da *sociabilidade*?

— Outros tantos misterios profundos, que nem mesmo abordar podemos agora e cuja inteligencia saberás conquistar se a Providencia estiver contigo.

Paro. Conduzimos-te muito avante, no caminho; eis-te munido de uma *bussola oculta*, que te impedirá, senão, de te perderes, ao menos, de te afastares do caminho recto.

*

* *

São precisos estes pequenos dados sobre a «grande questão» dos destinos humanos: compete-te a missão de deduzires o resto e de dares ao problema a sua solução.

Mas comprẽnde bem, *meu Irmão*, uma terceira e ultima vez to adjuro; comprẽnde bem que o *Altruismo* é o unico caminho que conduz ao unico fim, isto é, a *reintegração dos sub-multiplos na Unidade divina*; — a unica doutrina, que fornece o meio, que é a *desobstrução dos entraves materiais*, para a ascenção através das *hierarquias superiores* para o astro central da regeneração e da paz.

Não esqueças que *Adão Universal* é um *Todo homogeneo* um *ser vivo* do qual apenas somos os atomos organicos e as celulas constitutivas. Todos vivemos *uns nos outros, uns para os outros* e fossemos *individualmente* salvos (para empregar a linguagem cristã) não cessariamos de sofrer e de lutar, uma vez que não estivessem salvos, como nós, todos os nossos irmãos.

O *Egoismo inteligente* conclue pois como concluiu a *sciencia tradicional*: a fraternidade

universal não é uma ilusão, é uma *realidade de facto.*

Quem trabalha para outrem, para si trabalha; quem mata ou fere o seu proximo, fere-se e mata-se, quem ultraja, insulta-se.

Que te não atemorizem estes termos misticos; a alta doutrina nada tem de arbitrario; somos os matematicos da ontologia, os algebristas da metafisica.

Lembra-te, *filho da Terra,* que a tua ambição suprema deve ser a de reconquistar o *Eden Zodiacal,* donde não deverias jamais descer e de reëntrar enfim na *Unidade inefavel,* **fóra da qual nada és** e no seio da qual encontrarás, após trabalhos e tormentos, aquela *paz celeste,* aquele *sono consciente* que os Indùs conhecem sob o nome de *Nirvana:* a beatitude Suprema da Omniscencia, em Deus.

S. de G. N.·.
S.·. I.·.

INDICE

INDICE

PREFACIO

Hipoteses e Comentarios

O Simbolismo

Hiram

A questão Bacon

O segredo da Franc-Maçonaria. O Iluminismo

A hipotese Judeo-Kabalistica

Conclusão

BIBLIOGRAFIA

Argus —*A Maçonaria em Portugal.*
Arnold —*Phylosophical History of Free-Masonry and other secret Societies.*
Blavatsky —*The secret Doctrine.*
» —*Isis Unveiled.*
Borges Grainha —*Historia da Maçonaria em Portugal.*
Bresciani —*Le Juif de Verone.*
Cherpin —*L'Arche Sainte ou Le Guide du Franc-Maçon.*
Cunha Belem —*Le Grand Orient Lusitanien.*
Eliphas Levi —*Histoire de la Magie.*
Findel —*History of Freemasonry.*
Fr.[co] X. Gautrelet —*A Franc-Maçonaria e a Revolução.*
Heckerton —*Secret societies of all Ages and Countries.*
João Antunes —*As Sciencias Malditas.*
» » —*Œdipus. Historia e Filosofia do Hermetismo.*
Level —*A touz les Franc-Maçons du monde.*
L. Granone —*Le direttive dell'azione massonica.*
L. Keller —*Le basi spirituali della massoneria.*
Mackenzie —*The Royal Masonic Encyclopedia.*
Mazaroz —*La Fr.·. Maç.·. scientifique.*

Merzario —*I Maestri Comacini.*
Meurin —*La Franc-Maçonnerie, synagogue de Satan.*
Miguel Antonio Dias —*Arquitectura Mistica.*
» » —*Historia da Franco-Maçonaria.*
» » —*Anais e Codigo dos Pedreiros Livres.*
Nemo —*A Doutrina Maçonica.*
Ragon —*Obras sobre a Maçonaria.*
Reghellini da Schio —*La Maçonnerie considerée comme le résultat des Religions Égyptionne, Juive et Chretienne.*
Yarker —*Speculative Masonry.*
Wigston Bacon —*Shakespeare and Rosi, cruscians.*
Zuzarte de Mendonça—*A Maçonaria.*

NO PRELO:

Razões da minha crença teosofica e a Visão dos Sabios da India (Estudos de Teosofia)

O nome de Mrs. Annie Wood Besant é actualmente conhecido no mundo inteiro. A sua vida agitada e operosa é um modelo de energia mascula e a sua obra filosofica e literaria um monumento de talento e de erudição. Why I Became a Theosophist *foi sobretudo um livro, que marcou um temperamento e uma atitude de consciencia em face do conservantismo inglês e das filosofias ocidentais. As edições sucederam-se vertiginosamente e repetem-se. É um livro que honra sobremaneira a nossa colecção. Acompanha este livro uma pequena grande obra de Chatterji, um dos mentores do orientalismo filosofico de hoje e um dos mais recentes trabalhos de Mrs. Besant, sintese explendida de Teosofia. Alem de versões simples e rigorosas, o proximo volume da Colecção* Psicologia Experimental *será acompanhado de abundantes notas scientificas e amplas referencias pelo dr. João Antunes, autor ilustre de quase todos os volumes desta colecção, que o tornará um manual precioso e completo, com a proficiencia, que os nossos leitores sobejamente conhecem.*

O EDITOR.

Collecção "PSICOLOGIA EXPERIMENTAL,,

(Primeira Série)

VOLUMES PUBLICADOS: